



# Ministério

Janeiro - Fevereiro de 2003

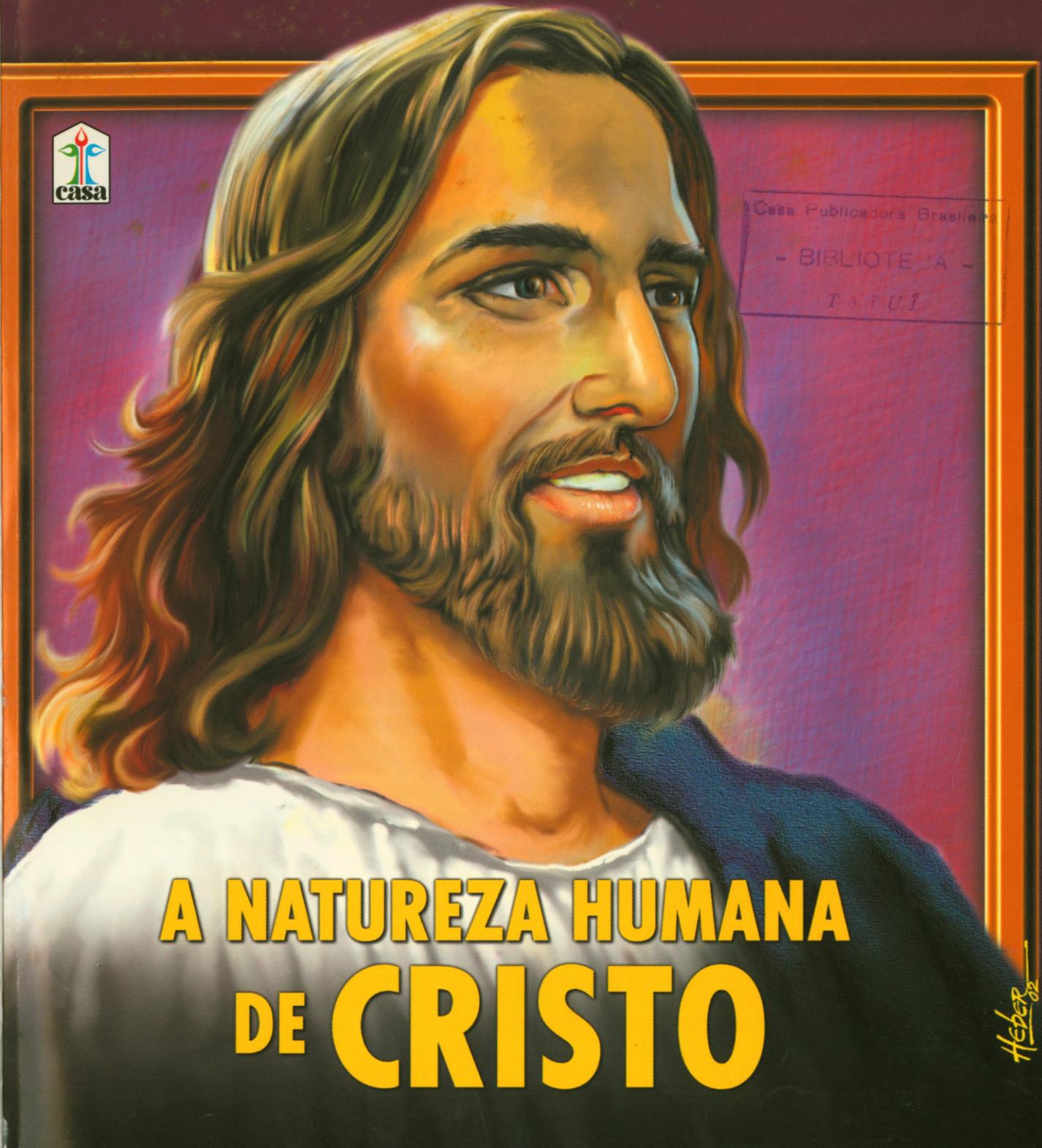
Uma revista internacional para pastores e obreiros



Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI



## A NATUREZA HUMANA DE CRISTO



D. DeWitt

# Chamado à oração

**JAMES A. CRESS**

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

**N**ão poderíamos fazer nada mais apropriado para começar um novo ano do que levar a igreja à oração. Você pode fazer isso em qualquer época do ano, mas, em nosso último pastorado costumávamos fazê-lo em cada serviço de recepção do Ano-Novo. Começávamos a vigília bastante cedo de modo que quem tivesse planos com a família ou amigos poderia iniciar as festividades na casa de Deus.

Um dos benefícios de um esforço coordenado em prol da oração é que os membros se reúnem para buscar a vontade de Deus e ouvir a Sua voz. Nossa congregação descobriu que um núcleo de membros locais formava o grupo básico de participantes, mas quando o evento era bem divulgado, recebíamos também um surpreendente número de pessoas que de outra forma não teriam ido à igreja. Eram pessoas que necessitavam de oração ou estavam buscando um ambiente espiritual como um refúgio da agitação e superlotação dos lugares, próprios desse dia.

O programa era organizado designando a cada ancião um tópico específico pelo qual ele deveria orar. No início da reunião, todos os presentes recebiam uma lista dos vários assuntos pelos quais iríamos orar. A essa lista eles podiam acrescentar seus pedidos e necessidades pessoais.

Era um programa ao mesmo tempo solene e informal. Todos nos reuníamos à meia-luz, com uma lâmpada focalizando apenas uma Bíblia aberta, um quadro de Jesus e uma faixa com alguma inscrição relativa ao Ano-Novo. As orações eram intercaladas com hinos cuidadosamente escolhidos para refletir as várias categorias de preces.

Nossa lista de oração mudava a cada ano, dependendo das necessidades sentidas ou das circunstâncias mundiais. Por exemplo, durante a guerra do Golfo, oramos pela paz. Noutro ano, oramos pelas dificuldades da igreja e pelos ataques do inimigo contra nossa escola.

Considere alguns dos seguintes itens para iniciar um tal programa em sua igreja, acrescentando necessidades locais específicas:

*Ore com ações de graças.* Tome tempo na oração para adorar e agradecer a Deus por Sua misericórdia e Sua graça salvadora através de Jesus, e pela expectativa de que o Espírito Santo o habilitará para obedecer a Sua vontade.

*Ore pelos perdidos.* A maravilha do evangelho é que todos os indivíduos são candidatos ao reino de Deus. Quando oramos pelos perdidos, isso não muda a atitude divina em relação a eles, porque Deus sempre os ama. Mas esse gesto mudará nossa mente a seu respeito, de modo que vejamos seu potencial através da ótica celeste.

*Ore pelos líderes.* É apropriado incluir os líderes governamentais locais e mundiais. Entretanto, mais essencial é orar pelos líderes denominacionais locais e mundiais. É admirável o zelo com que nossos irmãos apresentam nossos nomes a Deus em suas orações.

*Ore pela família.* Devemos pedir que Jesus Se torne o centro e a razão de todo casamento; e que as mágoas e os conflitos possam ser substituídos por uma refrigeradora experiência de restauração.

*Ore pelos jovens.* Aqui devemos incluir os jovens da igreja e os novos membros. Que nossas famílias, nossas escolas e nossos professores reflitam o amor de Jesus; que nossas congregações sejam uma extensão do Seu espírito de aceitação e perdão.

*Ore pelos ausentes.* Inclua aqueles que ainda são membros, mas não podem participar das programações devido à distância, doença ou idade. Ore por aqueles que devem ser resgatados devido a alguma reincidência pecaminosa, ou questões de relacionamento pendentes.

*Ore por perdão.* Lembre-se da injunção bíblica de que deve perdoar para receber perdão. A beleza de escolher perdoar outro indivíduo é que isso libera a alma e ao mesmo tempo obriga a outra pessoa a tratar seriamente com sua parte no conflito.

*Ore pelos problemáticos.* Embora nos regozijemos com os membros que se comprometem e nos ajudam a levar as cargas, também devemos orar pelos que criam problemas, para que encontrem propósito na presença de Deus.

*Ore pela volta de Cristo.* Somos adventistas por causa do advento. A abençoada esperança nos sustém, a bendita segurança nos capacita a antecipar e partilhar alegremente a consumação dos nossos anseios.

*Oremos uns pelos outros.* Você precisa das minhas orações e eu preciso das suas. Vamos encarar-nos mutuamente como colegas ministeriais e pecadores diariamente necessitados da graça de Deus.

Oremos uns

pelos outros.

Todos necessitamos

da graça de Deus.

# Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 74 - Número 01 - Jan./Fev. 2003  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos  
**Revisoras:** Ilete Silva e Rosemara Santos  
**Chefe de Arte:** Marcelo de Souza  
**Programador Visual:** Alexandre Gassul Streicher

**Colaboradores Especiais:**  
James Cress; Alejandro Bullón;  
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

**Colaboradores:**  
Arlindo Guedes; Barito Lazo;  
Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;  
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;  
Mário Valente; Moisés Rivero;  
Rafael L. Monteiro; Roberto Pinto

**Capa:** Heber Pintos

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima  
**Diretor Financeiro:** Antonio Oliveira Tostes  
**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:  
<http://www.cpb.com.br>  
Serviço de Atendimento ao Cliente:  
[sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)  
Redação: [redacao@cpb.com.br](mailto:redacao@cpb.com.br)  
Ministério na Internet:  
[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)  
[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

Tiragem: 4.500 exemplares  
5499/10314

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
CERTIFICADA PELA ISO 9002

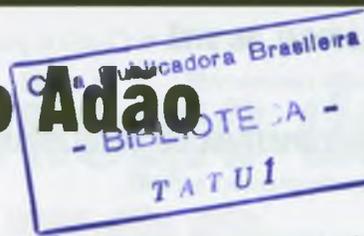
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## EDITORIAL

# O segundo Adão



**E**xistem dois pontos de vista conflitantes quanto à natureza humana de Jesus Cristo. Um deles argumenta que Cristo possuía uma natureza humana pecadora porque teve uma mãe pecadora semelhante ao restante dos homens. O outro defende que Ele teve uma natureza humana sem pecado, por ser o Filho de Deus. Enquanto o primeiro ponto de vista realça Sua identificação com o homem, o segundo está centralizado em Sua singularidade como homem.

A questão não é simples. Os defensores das duas posições sempre apresentam declarações inspiradas, procurando fundamentar suas convicções. Depois de tudo, o fato de ter Cristo vindo ao mundo, reunindo em Si as naturezas divina e humana, é descrito na Bíblia como o grande mistério da piedade (1 Tim. 3:16). Mas nem por isso somos proibidos de estudar o assunto. Devemos cuidar, entretanto, no sentido de que especulações não nos levem a vulgarizar a figura do Filho de Deus. Nesse sentido, os termos da Carta 8, 1895, de Ellen G. White, são dignos de muita consideração:

“Sede cuidadosos, extremamente cuidadosos em como tratar com a natureza humana de Cristo. Não O coloquem diante do povo como um homem com as propensões do pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado um ser puro, impecável, sem nenhuma mancha de pecado sobre si; ele era segundo a imagem de Deus. Ele podia cair, e caiu pela transgressão. Por causa do pecado sua posteridade nasceu com as propensões inerentes à desobediência. Mas Jesus Cristo era o Filho unigênito de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como a natureza humana é tentada. Ele poderia ter pecado; Ele poderia ter caído, mas nem por um momento houve nele uma má propensão. Ele foi assaltado por tentações no deserto, como Adão fora assaltado por tentações no Éden.

“Evitai todo debate com respeito à humanidade de Cristo que possa ser passível de incompreensão. A verdade fica bem próxima aos limites da presunção. Ao tratar da humanidade de Cristo, deveis cuidar ao máximo em cada pronunciamento para que vossas palavras não signifiquem mais do que elas implicam, e desse modo venhais a perder ou obscurecer as claras percepções de Sua humanidade unida à divindade. ...

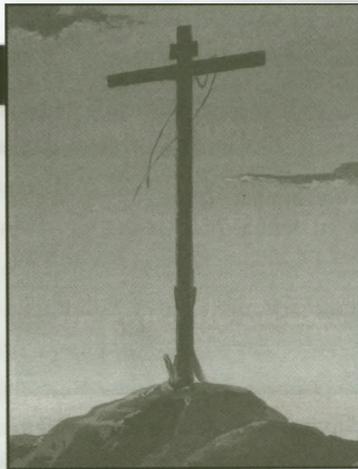
“Nunca em hipótese alguma, deixai a mais leve impressão sobre as mentes dos homens de que sobre Cristo houve qualquer mancha ou inclinação à corrupção, ou que Ele de alguma maneira haja sucumbido a tal. Ele foi em tudo tentado, como o é o homem, contudo é chamado ‘o ente santo’ (Luc. 1:35). É um mistério que permanece inexplicável aos mortais que Cristo pôde ser tentado em todos os pontos como nós somos, e ainda permaneceu sem pecado.”

Zinaldo A. Santos

- 10 • CASAL PASTORAL NO DIVÃ** • Como o pastor e a esposa podem manter e fortalecer o casamento.
- 13 • LIDERANÇA ESPIRITUAL OU SECULARISMO BATIZADO?** • Princípios da verdadeira administração cristã.
- 17 • A NATUREZA HUMANA DE CRISTO** • Análise de um dos mais polêmicos temas da cristologia.
- 21 • O ÉDEN E O SANTUÁRIO** • Um estudo comparativo do jardim do Éden e o tabernáculo israelita.
- 24 • PASTOREANDO ADOLESCENTES** • O pastor precisa conhecer devidamente os cordeiros do rebanho.
- 26 • AUTORIDADE ABSOLUTA OU RELATIVA?** • Os limites da autoridade eclesiástica.
- 29 • VIVENDO A MENSAGEM** • O conhecimento teológico deve ser materializado no dia-a-dia do pastor.

## SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“Tivesse Jesus vindo ao mundo com uma mancha de pecado, com inclinações e propensões para o mal, e teria estado como todos os filhos de Adão debaixo da condenação da morte devido a Sua situação deplorável, e portanto necessitado de expiação.”*

Ellen G. White

## Gileno Oliveira

*Foi com grande alegria que notamos uma referência carinhosa ao nosso pai, Pastor Gileno Oliveira, no editorial da edição dedicada ao dia do pastor (setembro/outubro 2002). Todos nós, esposa, três filhos e uma filha, ficamos muito contentes e agradecidos pelas muitas bênçãos que Deus nos deu através da vida e do ministério do papai. Com pesar, informamos que ele descansou no Senhor, aos 81 anos, na sexta-feira dia 20 de setembro de 2002, em Vila Velha, ES, depois de lutar contra o mal de Parkinson, nos últimos 12 anos. Mais uma vez, agradecemos, com emoção, a referência feita a ele.*

**Pastor Robson de Oliveira**, Pacific Union College, Califórnia, Estados Unidos

## Artigos valiosos

*Todo artigo que leio em Ministério vale mais que qualquer preço que poderia ser cobrado pela revista. “Pregue com liberdade” (edição maio/junho) e “Quando falta o Espírito” (edição julho/agosto) ajudaram-me a relacionar meus ideais cristãos como pastor a técnicas operacionais mais efetivas. Ter ideais e desconsiderar as técnicas, e vice-versa, é a mesma coisa de ser “pesado na balança e achado em falta”.*

**Warren S. Banfield**, pastor jubilar, Washington, D.C.

## A criação e o santuário

*Fiquei impressionado com a matéria de Angel Rodriguez, ligando o relato da criação ao santuário do Antigo Testamento (edição novembro/dezembro). Sua menção das referências ao número sete, na narrativa da construção do tabernáculo israelita levou-me a fazer uma pesquisa na Bíblia. Muito claramente ali havia sete discursos divinos em Êxodo 25-31, e sete repetições da frase “segundo o Senhor ordenara a Moisés” (Êxo. 40:17-31).*

*Minha curiosidade levou-me um pouco além. Parece que há uma terceira série de sete declarações similares nos capítulos 38 e 39, onde a frase “segundo o Senhor ordenara a Moisés” aparece sete vezes nos textos 38:22; 39:1, 7, 21, 26, 31 e 32. Perguntei-me surpresa: Poderia o resumo das declarações em Êxo. 39:42 e 43 ser visto como uma ligação entre as séries dos capítulos 38 e 39 (construção do tabernáculo) e a série do capítulo 40 (ereção do tabernáculo)?*

*Talvez isso seja de pouca importância, mas quanto mais estudo a Bíblia, fica mais evidente que a mão divina dirigiu tudo, para nosso ensino na verdade tal como é em Jesus.*

**Dale Wolcott**, Midland, Michigan, Estados Unidos



# O privilégio de ser PASTOR

*Presidente da Missão Vale do Paraíba partilha lições de sua experiência pastoral e fala de seu relacionamento com os pastores*

**JONAS ARRAIS**

Natural de Afonso Cláudio, ES, o Pastor Paulo Stabenow nasceu em um lar de pioneiros adventistas na região. Seus pais eram luteranos e, certo dia, o pai recebeu de um dos seus empregados a mensagem da guarda do sábado de uma forma singela. O empregado simplesmente disse ao patrão que não trabalharia aos sábados, por ser adventista do sétimo dia. “Onde você encontrou essa informação?”, perguntou, assustado, o patrão, ao que o empregado respondeu: “Na Bíblia Sagrada.” Diante da resposta, o patrão convidou o empregado para que juntos estudassem as Escrituras, desafiando-o a provar a veracidade de sua afirmação: “Se você provar que é o sábado o dia sagrado, eu vou guardá-lo. Se eu provar que é o domingo, você passará a guardá-lo.”

Embora estivesse imaginando que ganharia o debate, o patrão Stabenow, enquanto aguardava o dia do primeiro encontro para o estudo, consultava a esposa: “Em que lugar da Bíblia podemos encontrar a ordenança para guardar o domingo?” Os dois passaram quase uma noite inteira, procurando textos que apoiassem a observância do domingo, mas nada encontraram. Na véspera do encontro, um sábado pela manhã, foi à casa de sua mãe que era estudiosa da Bíblia, mas ela lhe respondeu: “Não sei onde fica esta passagem, mas estou certa de que o dia sagrado é o domingo.”

Ao ver o filho tão angustiado, orientou-o no sentido de procurar o pastor da

igreja luterana. Porém, grande foi a surpresa do Sr. Stabenow ao ouvir do seu pastor que não havia nenhum texto sobre a guarda do domingo, mas sim sobre o sábado. “O senhor não tem medo do castigo divino, ensinando ao povo tamanho engano?”, retrucou energicamente. Restava-lhe então voltar para casa e continuar estudando.

No domingo pela manhã, apareceu o empregado para estudar a Bíblia. Pesquisaram bastante e, finalmente, todas as dúvidas quanto ao assunto foram dissipadas. Durante os seis meses que se seguiram, não fez outra coisa senão estudar mais a Bíblia juntamente com a esposa. Então, passou a fazer parte do pequeno grupo de primeiros adventistas do sétimo dia em Santa Maria do Jequitibá.

O Pastor Paulo Stabenow serve à Causa de Deus há 41 anos, mesmo período de união conjugal com Iracilda Stabenow. O casal tem dois filhos: Elizabeth, arquiteta e decoradora, e Paulo Roberto, médico neurocirurgião, além das netas Júlia (13 anos) e Renata (oito anos). Por ocasião de um concílio ministerial na Missão Vale do Paraíba, no interior de São Paulo, ele falou à revista *Ministério*.

**Ministério:** *O que significa ser um pastor?*

**Pastor Paulo Stabenow:** O pastorado, quando feito de coração e sem reservas, traz um contentamento indescritível para o ser humano. Ele é um agraciado por Deus por ter sido chamado para dedicar sua vida a encaminhar pessoas ao reino dos Céus, mostrando-lhes a ale-

gria da salvação. O pastor reflete as grandes esperanças que Deus deu ao ser humano em um mundo de tanto sofrimento. É um guia para aqueles que estão com a vida ofuscada pelo desespero. É aquele que pode estender a mão ao que está caído. É aquele que pode dizer a todos que Jesus é a solução. É aquele que sabe, na prática e na teoria, que nos momentos de dificuldades e problemas, sempre quem “morre” é o pastor, para proteger a vida das ovelhas. O pastor é aquele que, pelo simples ato de colocar as mãos sobre a cabeça de uma pessoa, transmite o gesto de amor como quando o Mestre esteve aqui na Terra. Ele é o homem da esperança, o que aplaina o caminho, que brilha na escuridão. É quem antevê os problemas na igreja e sempre está disposto a dar um nova oportunidade ao pecador. O pastor é o verdadeiro representante de Cristo em um mundo vazio de esperança. É um guia, um consolador.

**Ministério:** *Quando e como sentiu o chamado para o pastorado?*

**Pastor Paulo:** Minha família trabalhava no comércio e em fazenda. Desde pequeno, meus irmãos e meus pais viram que eu seria útil à vida comercial. Meus pensamentos foram formados e decidi que me prepararia para isso. Desde criança sempre trabalhei com meu pai nas lojas e gostava muito. Mas os planos de Deus são bem diferentes dos nossos. Fui estudar no antigo Instituto Teológico Adventista, ITA, atual Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Ipaee, e tive a oportunidade de



assistir ao grande congresso de jovens no Hotel Quitandinha. No sábado, o sermão foi apresentado pelo saudoso Pastor Rodolpho Belz. Lembro-me ainda hoje de algumas frases daquele sermão: “Minha casa poderá ser construída por um engenheiro não adventista. Poderei tratar os meus dentes com um dentista não adventista. Um médico que tratasse da minha saúde poderia também não ser adventista. Porém, o púlpito de uma igreja não poderia ser entregue a alguém que não fosse adventista...” Com essa frase ele fez um apelo. Quando voltei ao meu estado normal, vi que estava lá na frente com muitas pessoas, aceitando o apelo para ser um pastor. Agradeço a Deus por aquela mensagem e pelo chamado que Ele me fez para o santo ministério. Completando agora 41 anos de pregador da Palavra de Deus, só posso agradecer. Tive lutas e problemas, nenhum conforto quando iniciei o ministério. Fomos trabalhar numa região inóspita, onde minha filhinha de um ano e eu contraímos malária. Sofremos com essa enfermidade e ainda carregamos os seus resultados em nosso corpo. Mas, quando meu presidente foi me visitar, entre a vida e a morte, com a casa cheia de amigos e irmãos, ele disse ao pessoal que iria me transferir de distrito. Minha esposa e eu choramos porque amávamos aquela gente. O

amor que tínhamos era maior que o sofrimento. Deus nos deu a alegria de poder continuar em outros lugares trabalhando por Ele.

**Ministério:** *Qual a sua trajetória na Obra adventista?*

**Pastor Paulo:** Fui pastor distrital em Nanuque, MG, por cinco anos. Em seguida fui transferido para Vitória, ES, onde fiquei durante três anos. Depois fui chamado para ser o primeiro departamental de Mordomia Cristã da União Este-Brasileira, onde permaneci por quatro

*O pastor reflete as  
grandes esperanças que  
Deus deu ao ser  
humano em um mundo  
de tanto sofrimento.*

anos. O Departamento de Mordomia foi muito interessante para mim. Estudei bastante o assunto, na Bíblia, nos escritos de Ellen White e em livros de outras denominações cristãs. Assisti a diversos programas, e foi um assunto que me trouxe muita alegria. Juntamente com o programa de Mordomia, usei a operação de resgatar pessoas que estavam fora da igreja. Foram excelentes os resultados. Um dia, parei para pensar: Por que gosto tanto de falar em mordomia, se alguns se esquivam de fazê-lo? Então concluí que nossa família é composta de onze filhos e, por uma feliz coincidência, eu sou o décimo filho. Deus me comissionou para isso. Trabalhei como presidente da

Missão Mineira por dez anos, na Companhia de Alimentos da Divisão Sul-Americana, por cinco anos. Um ano, como departamental de Mordomia da União Central-Brasileira. Por onze anos fui presidente da Associação Paulista Leste. Agora lidero a Missão Paulista do Vale do Paraíba, há um ano. Posso dizer, com alegria, que o que aconteceu com José do Egito, aconteceu comigo: “Vendo Potifar que o Senhor era com ele e que tudo o que ele fazia o Senhor prosperava em suas mãos...” (Gên. 39:3). Se fosse para começar tudo novamente, eu certamente o faria. Louvo a Deus por tudo.

**Ministério:** *Fale algo sobre a importância da família no pastorado.*

**Pastor Paulo:** Minha família sempre foi muito importante em meu trabalho. Minha esposa, sempre que foi possível, me acompanhou nas viagens em lugares muito difíceis, no início do trabalho. Viajávamos em um jeep por estradas mal cuidadas, e o entusiasmo que ela me transmitia dava sempre novo ânimo para trabalhar sem reservas para Deus. Nosso primeiro distrito foi Nanuque, MG, como já mencionei, bem longe de seus familiares, mas nunca a vi reclamando. Pelo contrário, amava os nossos irmãos e os tratava com muita deferência. Nossa casa era sempre cheia de hóspedes que vinham do interior para tratamento médico ou mesmo para o nascimento de bebês. Uma das coisas que mais me motivava ao trabalho era saber que em casa as coisas sempre estavam em ordem. Às vezes, quando chegava de viagem (não havia telefone para contato) nossa filha pequena havia adoecido e já estava curada, tão longas eram as ausências. Passava até 40 dias viajando. Depois, quando nosso filho nasceu, já estava como departamental da União Este e as coisas eram mais fáceis. Nossos filhos sempre foram felizes por pertencerem a uma família pastoral, sempre defendendo a Obra do Senhor. Minha família foi uma dádiva de Deus para a minha vida e meu ministério.

**Ministério:** *Quais são os grandes desafios do ministério pastoral hoje?*

**Pastor Paulo:** Algumas vezes fico preocupado com alguns colegas, com seu trabalho e a maneira como o realizam. Parece que lhes falta algo para

dizer à igreja do que deve ser feito. Claro que não posso julgar, mas creio que um grande fator de êxito, além de um relacionamento com os Céus, que é o mais importante, é não ser desobediente à visão celestial. Quando um pastor perde a visão celestial, a melhor coisa que ele deveria fazer é ir ao presidente e entregar sua credencial. Os membros da igreja sabem e entendem se o pastor da igreja os ama. Tudo o que se realiza no ministério, se não for com amor, terá pouca duração. Só o amor perdura e produz frutos para a eternidade.

**Ministério:** *Em sua visão, o que um presidente deve esperar do pastor distrital?*

**Pastor Paulo:** O pastor geral de um Campo baseia-se nas suas avaliações humanas de que o pastor distrital conduz os membros de seu distrito aos pés de nosso Senhor Jesus Cristo. A Bíblia e os escritos de Ellen White estão cheios de orientações sobre como fazê-lo. Quando se visita uma igreja, nota-se claramente, no decorrer das atividades religiosas, se o pastor está conduzindo bem a congregação, porque sente-se a presença de Deus num clima espiritual extraordinário. Isso ocorre tanto numa igreja grande como em um pequeno grupo; tanto numa igreja culta como num grupo simples. O pastor tem que ter um relacionamento muito estreito com Deus, sua família e seus oficiais, para que, em cada ato, cada sermão, cada conselho, cada palavra, os membros sintam que a direção dada em levar as ovelhas a pastos verdejantes e a águas tranquilas vem dEle. Sempre gosto de usar uma frase para estimular os pastores: “O pastor que não começa andar em janeiro terá que correr em dezembro.”

**Ministério:** *Qual a importância da motivação, apreciação e valorização do pastor por parte do seu presidente?*

**Pastor Paulo:** O pastor geral terá que entender que nada amassa mais os louros do que deitar sobre eles. Terá que levar os distritos sob a sua liderança a terem uma visão completa daquilo que vai ser realizado. Porém, antes de iniciar qualquer programa, ele deverá reunir o grupo em um só pensamento, em uma só forma de agir, para conseguir aquilo que Deus espera de sua orientação. Ha-

vendo assim um só pensamento, uma só direção, e espírito de missão, por certo o Deus do Céu derramará o Espírito Santo para realizar essa importante obra. O ambiente de trabalho e dos concílios deve ser muito alegre. Todos os pastores deverão ter oportunidade de testemunhar sua alegria por pertencer ao time. Juntos devem estudar as metas e os projetos que realizarão. A participação dos pastores deve ser irrestrita; ninguém deve ficar sem dar a sua opinião. Todo ser humano precisa ser motivado a realizar. Motiva-se o pastor distrital diante da sua igreja, quando o pastor geral sobe ao púlpito e diz que ele está muito feliz em passar aquele sábado com o pastor, que é um homem escolhido por Deus para liderar aquela igreja e menciona, por nome, todos os membros da família pastoral, agra-

## *A segurança que um presidente dá a um pastor é fator preponderante para o crescimento do Campo.*

decendo publicamente os oficiais e especialmente aos anciãos por apoiarem o pastor. Dizer que naquele sábado terá o prazer de almoçar na casa do pastor demonstra a confiança que existe entre a administração e o distrital. Cada quinta-feira passo o dia com um pastor, numa conversa franca e amiga. Uma parte do dia, no escritório com ele; e a outra, com o casal, levando a sua família para um bom almoço num restaurante. Os assuntos giram em torno dos projetos do pastor para com a previdência social, planejamento residencial para a jubilação, problemas enfrentados, tratamento recebido pelos obreiros do escritório da Associação, sempre num clima de mútua confiança. Isso gera um bom relacionamento entre o pastor e a administração do Campo.

Todo pastor tem liberdade para conversar comigo o que ele desejar. Se está ressentido com alguma coisa, tenho certeza de que ele falará comigo. Damos ao pastor toda a apreciação necessária ao progresso do distrito: nas áreas dos departamentais, assistência da engenharia, auxílio às construções de igrejas e grupos. Dizemos ao pastor, de modo sincero, sem críticas, qual é a sua área forte e qual a área em que precisa de ajuda para melhorar. O que desejamos é o seu crescimento total. Nunca um pastor saiu da minha sala sem que eu tivesse orado com ele. Algumas vezes choramos juntos também.

**Ministério:** *Como presidente de Campo, o que o senhor diria ser os princípios básicos de um administrador?*

**Pastor Paulo:** Resumo em poucas palavras: amor sincero, carinho, bondade, firmeza e a difícil tarefa de dizer não. O pastor compreenderá, com pouco tempo que você está com ele, que você é uma pessoa sincera. E ele, tendo isso em mente, se sentirá seguro. A segurança que um presidente dá a um pastor é fator preponderante para o progresso espiritual do Campo.

**Ministério:** *Que estratégia seu Campo está usando para o cumprimento da missão da Igreja?*

**Pastor Paulo:** Hoje a Igreja tem abundância de materiais que dão suporte ao trabalho com vistas ao cumprimento da missão. Porém, antes desses materiais chegarem às igrejas, estudamos todos juntos, e cada departamental apresenta o que vai fazer. Nisso usamos sempre a mesma linguagem, para ver o Campo progredir na mesma direção e os membros ouvirem os mesmos ensinamentos para alcançar os mesmos objetivos. É o evangelismo na sua forma integrada.

**Ministério:** *Que conselho daria a um presidente de Campo, líder de instituição ou a um pastor distrital?*

**Pastor Paulo:** Ao presidente e ao líder de instituição, eu diria que administrem para haver um crescimento equilibrado e harmonioso em todos os segmentos da Obra. A um pastor eu diria para ser sempre fiel ao seu chamado e que ame, de coração, as suas queridas ovelhas, procurando conhecê-las pelo nome. 

# Reflexão para o NOVO ANO



**ELDA MARTINS RAMOS**

*Secretária de pós-graduação do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP*

“Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! Perguntou-Lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira” (João 1:47 e 48).

Dessa passagem extraímos a lição de que Jesus nos vê e conhece muito bem. Quando Natanael veio a Ele, o Salvador exclamou: “Eis [vejam]...”, demonstrando que já o conhecia.

Às vezes parecemos nos esquecer de um fato por demais referido, ou seja, a onisciência de Deus. Não é verdade que o ser humano, na ilusão de que ninguém o observa, acaba praticando os atos mais hediondos? Não é verdade também que nos desanimamos facilmente com as provações da vida, imaginando que estamos sozinhas e ninguém entende o que estamos sofrendo?

Lembremo-nos sempre de que Deus sabe das coisas. Deixemos em Suas mãos as preocupações e ansiedades, na certeza de que Ele dispõe de recursos infinitos a nosso favor. Lembremo-nos

*O Senhor nos conhece profundamente. Deixemos as preocupações e ansiedades em Suas mãos, na certeza de que Ele age em nosso favor*

também de que somos transparentes a Seus olhos, ainda que nos cubramos com uma montanha. Sejamos leais a Ele, assumindo plenamente nosso privilégio de discípulas de Jesus.

Deixemos, com o ano que se foi, as ações não santificadas. Avancemos para uma vida significativa, plena, mais perfeita em Jesus. É isso, finalmente, o que reúne verdadeiro valor. Deixemos que o nosso eu seja crucificado e permaneça na cruz. Esse é o segredo do viver autêntico, o viver que vai além do mero existir. Tenhamos como meta principal fazer com que a glória do caráter do Pai resplandeça através de uma vida semelhante à de Seu Filho. Vida sem presunção, sem vaidade, sem pretensões, sem desejo de grandeza ou sentimento de superioridade, pois só Deus é digno de louvor. Só Ele é soberano, e só Ele não falha.

Que o novo ano nos propicie a tomada e o cumprimento de altos propósitos. Que Jesus nos veja felizes com a felicidade de nosso semelhante. Que nos veja contentes com o que nos é dado possuir. Que nos veja concentra-

das no que podemos fazer de melhor no desenvolvimento do caráter. Que nos observe possuidoras de simplicidade e altruísmo, interessadas no bem-estar do próximo. Que nos contemple desejosas de participar do exército que se empenha por salvação de perdidos, pela vindicação de Deus e de Sua Causa.

Que nos acompanhe em preciosos momentos de meditação e comunhão com o Seu Espírito, na contemplação de Sua própria vida de amor e desprendimento. Que nos veja nos lugares secretos da oração, bebendo sofredamente da fonte da água da vida, nutrindo nossa união com Deus e dEle recebendo a força que nos fará imbatíveis nas lutas do dia-a-dia, invencíveis na superação dos desafios. Que nos veja impulsionadas pelo poder divino na busca do ideal de sermos semelhantes a Ele. Que nos conduza em constantes conquistas no preparo para o Seu reino.

Que nos desempenhemos bem na tarefa de representar a Cristo em qualquer situação ou ambiente. Que os anjos sejam nossos companheiros diários enquanto cumprimos nossas diferentes tarefas. Estejamos sempre associadas ao Espírito na missão sublime de apressar a volta de nosso bendito Salvador.

Que Deus nos fortaleça cada vez mais, e efetive em nós, de forma ainda mais significativa, o Seu glorioso benediplácito.



# Declaração de consenso

## V Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano

### Engenheiro Coelho, SP

**E**ntre os dias 26 e 29 de julho de 2002, foi realizado no Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus 2, Engenheiro Coelho, SP, Brasil, o V Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, sob o tema “Na perspectiva do futuro: reflexões e tendências escatológicas contemporâneas”.

Como programação oficial do Consórcio Adventista Teológico Universitário Sul-Americano, Catus, o evento contou com 760 participantes. Além de professores de teologia das seis instituições sul-americanas que integram o Catus, a programação foi enriquecida com a presença de

teólogos adventistas de instituições de outras partes do mundo. Os pastores presentes ao evento vieram em sua maioria das regiões central, leste e sul do Brasil.

No referido simpósio, foi aprovado o documento abaixo transcrito:

“Nós, os participantes do V Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, reafirmamos que:

- O elemento escatológico é parte fundamental da profecia bíblica, encontrando seu centro e clímax na pessoa de Jesus Cristo e em Sua obra redentora.
- O elemento profético das Escrituras é genuinamente preditivo e se cumpre ao longo da história humana.
- O historicismo é o método bíblico de interpretação profético-apocalíptica.
- O princípio dia-ano deve ser usado na interpretação dos elementos de tempo contidos nas profecias apocalípticas em que símbolos são empregados para descrever entidades mais amplas.
- As 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 representam 2.300 anos que tiveram seu início em 457 a.C. e terminaram em 1844 d.C., quando começou o juízo investigativo pré-advento no santuário celestial.
- A doutrina da imortalidade condicional do ser humano (condicionalismo) e a noção correlata da destruição final dos ímpios (aniquilacionismo) são fundamentais para a compreensão da escatologia bíblica.
- A segunda vinda de Cristo é descrita nas Escrituras como um evento escatológico único, literal e visível, quando os justos de todas as épocas serão levados para o Céu, onde reinarão com Cristo por mil anos.
- Não existe base bíblica para qualquer teoria alternativa como a do arrebatamento secreto da Igreja, prévio à parousia, ou de um reino judaico-messiânico na Terra durante o milênio.
- Existem sinais indicativos da iminente volta de Cristo, mas devemos ser cuidadosos para não atribuir significados escatológicos a eventos não claramente identificados nas Escrituras.
- A Igreja Adventista do Sétimo Dia é a comunidade escatológica a quem Deus confiou a missão de proclamar ao mundo, pelo poder do Espírito Santo, o “evangelho eterno” no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12.



# CASAL PASTORAL NO DIVÃ

*À medida que pastor e esposa se preocupam em apoiar e nutrir um ao outro, seu ministério floresce e se torna mais efetivo*



**WILLIAM E. RABIOR**

*Capelão do Hospital Santa Maria, em Saginaw, Michigan, Estados Unidos*

**H**á dez anos, aproximadamente, tive a oportunidade de assistir a um seminário conduzido por um terapeuta nacionalmente conhecido por sua especialidade como um praticante de terapia conjugal para pastores e esposas. Ainda guardo minhas anotações feitas durante aquele seminário. Tenho oportunidade de refletir sobre aquelas observações sempre que um casal pastoral me procura em busca de aconselhamento.

“Casais pastorais buscando ajuda se tornará algo tão comum como acontece com outros casais”, dizia o professor. “Muitas questões serão idênticas àquelas que você tipicamente vê em casais fora do trabalho pastoral. Entretanto, geralmente haverá duas diferenças importantes. A primeira é que a confidencialidade será absolutamente suprema. Eles não desejam que suas congregações saibam que estão buscando aconselhamento, porque, além de ser um delicioso assunto para fofoca nas casas, somente piorará a situação. A segunda dife-

rença é que na maioria das vezes eles estarão abertos às intervenções espirituais, como oração. Portanto utilize-as.”

O palestrante ainda acrescentou que “os clérigos querem que seu casamento realmente funcione. Usualmente eles estão dispostos a fazer tudo para transformar seu sofrimento em cura, e recolocar o casamento nos trilhos. Dê-lhes um sentido de esperança, ajude-os a fortalecer suas habilidades interpessoais, e você ficará surpreso de como eles agirão”.

Naquela ocasião, fiquei pensando que ele pareceu muito otimista sobre a efetividade da terapia marital para pastores e esposas. Entretanto, baseado em minha própria experiência como um conselheiro matrimonial que atende a casais pastorais, sei que ele estava correto na maioria de seus conceitos. Nem todos os casamentos pastorais em turbulência sobreviverão, mas dentre aqueles com os quais eu tenho me envolvido pessoalmente, cerca de 90% ainda estão juntos. De modo que ao trabalhar com pastores e esposas eu me tornei também um otimista. Tenho visto alguns deles não apenas sobreviver mas prosperar. Eles são bons clientes, bem motivados, e desejosos de trabalhar duro para revitalizar o casamento.

## **Necessidades particulares**

O terapeuta estava certo sobre a questão da confidencialidade. Essa é, de fato, uma grande preocupação. Alguns casais ministeriais dirigem quase mil quilômetros às vezes, para buscar aconselhamento em uma região na qual não sejam conhecidos. E eles são, usualmente, abertos a intervenções es-

pirituais como a oração, por exemplo. Na verdade, às vezes, eu tenho sido a única pessoa que orou com eles regularmente durante o tempo de crise.

Pastores e esposas normalmente oram por e com outras pessoas. Mas com frequência ninguém compreende que eles também têm necessidade de orações. Geralmente, eles anseiam por isso, mas nem sempre se sentem livres para partilhar questões pelas quais necessitam de orações com suas congregações.

Em muitos aspectos, os casais pastorais são exatamente como outros pares que procuram terapia. A diferença é que o estilo de vida clerical pode suscitar certas dinâmicas que podem estressar o casamento. Por exemplo, colocar excessivas demandas sobre o tempo do pastor ou gerar o sentimento de estar vivendo num aquário. O estilo de vida pode afetar negativamente um casamento.

Feitas essas observações a título de introdução, o que segue são oito pontos comuns que os casais pastorais têm trazido ao meu escritório durante anos.

## **Ira**

Para a maioria das pessoas a ira é a emoção mais difícil de ser tratada. Com pastores e esposas não é diferente. Com certa frequência, eles simplesmente não sabem o que fazer com ela. Por exemplo, tenho encontrado clérigos virtualmente incapazes de expressar qualquer ira, por causa da convicção de que um homem de Deus, tal como sua esposa, precisa ser pacífico e pacificador durante todo o tempo, ou que a expressão de ira é pecaminosa e deve ser firmemente negada ou suprimida.

O grande problema aqui é que em todo casamento há ocasiões em que os cônjuges ficam irados um com o outro, quer eles admitam ou não. A menos que a ira possa ser exitosamente processada no casamento, ela pode se tornar tóxica e venenosa ao relacionamento.

A terapia que trata dessa questão focaliza em ajudar o casal a desenvolver e praticar habilidades de gerenciamento da ira, dando-lhe permissão para expressá-la por caminhos corretos. Isso, por sua vez, habilitará os cônjuges a reduzir e resolver mais rapidamente os sentimentos de ira.

## Mágoa

Esse sentimento tem a ver com a incapacidade do casal para discutir sabiamente e eliminar diferenças, resolver problemas juntos, e em geral resolver pelo menos algumas das suas questões. Então sempre trazem à tona velhos conflitos e assuntos antigos.

Por um lado, uma certa dose de mágoa é normal no casamento, porque os cônjuges trazem consigo para a união personalidades, atitudes e perspectivas diferentes. É inevitável que marido e mulher discordem em algum ponto, e talvez entrem em choque com respeito à solução.

A mágoa torna-se um problema sério quando os cônjuges não querem ou são incapazes de se comprometer em busca de soluções criativas. Isso gera uma situação de perde-ganha, na qual um deve ser o vencedor e a outra parte será derrotada. A mágoa, nessa forma, conserva o casal enfurecido e preso na jaula de suas questões. Brigas e discussões tornam-se infundáveis e a energia positiva do relacionamento é esgotada.

Quando o problema é a mágoa, a terapia focaliza tipicamente em mostrar ao casal como criar situações nas quais ambos sejam ganhadores, através do comprometimento. O ato de comprometer-se habilita os cônjuges a raciocinar satisfatoriamente e os ajuda a deter o ciclo poderoso de luta e vitimização. Também habilita o casal a um engajamento pela solução do problema, de modo que a mágoa é cada vez menos freqüente e o casamento ganha um momento positivo.

## Problemas de comunicação

Boa comunicação é o combustível de um casamento. Quando um casal pastoral reclama que em seu casamento



William de Moraes

está “faltando gás”, certamente é porque os dois virtualmente já deixaram de falar e ouvir-se mutuamente. Como resultado aumenta a separação.

Falar e ouvir fortalece os laços de amizade, ajuda na solução de problemas e conflitos, e habilita o casal a afirmar-se e valorizar um ao outro. Quando isso não acontece, a esposa geralmente se volta para outro alguém em quem ela pode encontrar um ouvido simpático. Não raro, isso só aumenta o fosso no casamento.

Nesse caso, a terapia ajuda o casal a compreender quão crucial é o diálogo; e que a comunicação é a “supercola” básica que mantém unido o casamento. Os cônjuges necessitam tomar e criar tempo para estarem juntos conversando, falando e ouvindo. Uma comunicação de duas vias deve ser vista como uma prioridade, ou nunca ocorrerá.

Ao abordar essa questão, tento mostrar ao casal como usar as habilidades básicas da comunicação, tais como ouvir profundamente enquanto o outro fala, refletindo no que está sendo dito como uma forma de validação. Geralmente tenho dito aos casais que falar e ouvir um ao outro pode ser como uma outra forma de fazer amor, que fortalece os laços matrimoniais. Tento ajudá-los a descobrir a alegria de falar e ser ouvido.

## Perda de intimidade

A necessidade de sentir-se íntimo, para um cônjuge, é essencial para o

bem-estar de qualquer casamento. Quando isso começa a desbotar, o amor vai no mesmo caminho.

Tipicamente, quando cônjuges me dizem que já não se sentem mais íntimos um do outro, eles também descrevem uma constelação de outras coisas que têm sido adversamente afetadas por esse sentimento. Normalmente há uma redução no diálogo e no toque, um descoramento de afeição, e problemas sexuais começam a aparecer. A intimidade física pode virtualmente desaparecer desse relacionamento. Tudo isso pode criar uma espiral para baixo que é perigosa e prejudicial.

A terapia para uma questão tal como essa envolve treinar os cônjuges para voltarem-se de novo um para o outro; ensiná-los como reconectar-se, começando com os menores esforços, como dar as mãos, e reaprender como se tocarem novamente. Enfatiza o que é certo no casamento, em lugar de enfatizar o que é errado. Se os casais podem identificar uma área onde eles ainda funcionam bem juntos, encorajam-os a explorar mais essa área.

Prestar atenção um no outro pode ajudar a restaurar o romance e a excitação no relacionamento. Cônjuges que se têm distanciado um do outro podem redescobrir como ser íntimos outra vez. Mas isso necessita se tornar uma prioridade, e eles precisam empreender certo esforço, sem o que o objetivo não será alcançado.

## Finanças

Para muitos casais pastorais, as questões financeiras geram tremendo estresse que, por sua vez, cobra um preço do casamento. Muito freqüentemente, os clérigos ganham pouco e trabalham muito, o que faz a esposa normalmente procurar um trabalho também. Isso pode significar menos qualidade no tempo que passam juntos, mais cansaço e, em geral, constante senso de estarem vivendo sobrecarregados. O casal pastoral pode não apenas ter legítimas preocupações a respeito das pressões financeiras do presente, mas também profundas inquietações sobre suficientes provisões financeiras para o tempo de jubilação.

Como outros casais, eles freqüentemente têm dificuldades reais em manejar o dinheiro e em geral acabam caindo na armadilha de gastar mais do que deveriam. Uma das intervenções nesse caso inclui enviar o casal a um conselheiro de finanças, que pode ajudá-lo a fazer um orçamento e orientá-lo como viver dentro desse plano.

Em lugar de tornar suas finanças um campo de batalha, encorajo o casal a falar abertamente sobre o assunto e planejar cuidadosamente, até que eles comecem a entender que devem manejar o dinheiro sem deixar que ele os maneje.

## Disfunções comportamentais

Alguns terapeutas relatam casos de casais pastorais revelando comportamentos compulsivos tais como o envolvimento em jogos de azar. Outros clérigos se revelam compulsivos em relação ao trabalho, envolvendo-se tanto nele que deixam pouco ou nada para o casamento.

Disfunções sexuais surpreendentemente também são comuns entre casais ministeriais. Não raro, um deles ou algumas vezes os dois sofreram abuso sexual quando eram crianças e, conseqüentemente, como adultos, têm dificuldade em confiar ou ser verdadeiramente íntimo. Um clérigo e sua esposa, em um casamento estabelecido há muitos anos, podem ainda estar experimentando confusão a respeito de sua orientação sexual. A pornografia pode tornar-se um problema sério. E a infidelidade pode provar-se tão danosa que eu tenho visto mesmo casamentos fortes se desfazerem como um castelo de areia, em virtude da devastação emocional causada pela traição.

Disfunções comportamentais como essas podem justificar uma variedade

de intervenções. Algumas delas podem requerer a integração das pessoas envolvidas em grupos anônimos. Para disfunções sexuais tenho utilizado tudo o que se relaciona com avaliações por médicos especialistas, ensinando a um ou aos dois cônjuges como estabelecer fortes laços de intimidade, ou ainda provendo significativa intervenção espiritual como, por exemplo, buscar e experimentar o perdão de Deus para pecados sexuais do passado.

## Questões familiares

Tal como tudo o que foi mencionado até aqui, as questões familiares podem tomar muitas formas na vida dos casais pastorais. Por exemplo, se um marido ou esposa não tem se emancipado devidamente de seus pais, pode ser difícil para o casal criar um forte laço entre si. A interferência de pais

*Perdoar permite ao  
casal amar de novo,  
confiar de novo  
e avançar pela vida  
como amigos e amantes.*

pode impedir o casal de criar um sólido relacionamento.

Os filhos, também, podem desestabilizar o casamento algumas vezes. Uma criança fora de controle pode estressar severamente um casamento e ser uma fonte de embaraço para o casal. Se uma das partes já foi casada, o processo de combinação de diferentes famílias pode se mostrar difícil. Algumas vezes, a doença ou morte de um filho pode introduzir questões aflitivas no casamento.

Aprendi a ser criativo quando ajudo a um casal pastoral com problemas familiares. Se os pais de um deles são o problema, às vezes recomendo ao casal aceitar um chamado para o lugar mais distante deles possível. Acima de tudo, meu trabalho como terapeuta é ajudar ao casal a ver seu casamento como a

principal prioridade. Tento ajudá-los a fazer de cada um o foco primário do relacionamento, de modo que sua energia não seja totalmente direcionada aos filhos, outros familiares ou à igreja. Como cônjuges fortalecendo os laços de seu casamento e tornando-se mais unidos, eles estão na melhor posição para enfrentar juntos as questões familiares, tornando-as mais facilmente administráveis.

## Fantasmas conjugais

Alguns casais vivem ameaçados por um fantasma ou por fantasmas do passado que parecem não querer deixá-los, porque lhes falta o desejo ou a habilidade de "exorcizá-los". Existem fantasmas conjugais em diferentes tipos e tamanhos, e alguns são mais prejudiciais que outros.

Um fantasma comum é a má vontade da parte de um cônjuge em perdoar e sepultar para sempre o sofrimento infligido pelo outro, no passado. A permanente lembrança de um adultério é um exemplo disso. Um fantasma dessa natureza começa a adquirir vida e poder, conservando o casal em desavença, tornando a saúde matrimonial virtualmente impossível. A melhor maneira de expulsar um fantasma do casamento é através do perdão franco e honesto. Perdoar é muito mais que um sentimento; é uma escolha e uma decisão. Um cônjuge pode escolher perdoar o outro, mesmo sem sentir muita vontade. Na verdade, ele pode ter de tomar essa decisão algumas vezes, mas é a única maneira de exorcizar permanentemente um fantasma conjugal. Perdoar permite ao casal amar de novo, confiar de novo e avançar pela estrada da vida como amigos e amantes.

Tem sido um prazer e um privilégio trabalhar com muitos casais pastorais durante anos. Freqüentemente eles vêm em busca de conselho não porque seu casamento esteja abalado, mas porque chegaram a um ponto no qual desejam substituir certos padrões de comportamento por outros mais saudáveis, de modo que a união possa ser mais feliz e mais realizadora. Eles vêm seu casamento como um trabalho progressivo e desejam fazer tudo para renová-lo e revitalizá-lo a cada dia.

Meu desafio como terapeuta é ajudar esses casais a fazer escolhas sábias e responsáveis que enriqueçam e expandam seu amor e amizade, para que os anos restantes lhes sejam doces e alegres. **M**

# LIDERANÇA ESPIRITUAL OU SECULARISMO BATIZADO?



**REX D. EDWARDS**

*D.Min., diretor de Estudos Religiosos da Universidade Griggs, Silver Spring, Maryland, Estados Unidos*

“A tarefa de um líder”, disse Henry Kissinger, “é levar as pessoas de onde elas estão para onde ainda não estão.” Poderia isso acontecer no âmbito de um organismo espiritual que é a igreja local, se o estilo de liderança do pastor reflete um modelo secular, embora seus objetivos sejam espirituais?

Poderia isso acontecer se um pastor trata as pessoas como coisas e não como seres humanos? Poderia isso acontecer se o foco é sobre o crescimento da organização em lugar do crescimento espiritual das pessoas? Eu penso que não.

Os líderes da Igreja têm variados conceitos de seu *status* e autoridade. Muitos tomam emprestados seus conceitos e idéias de liderança do militarismo, do mundo dos negócios, ou de algum antigo pastor que se tornou seu exemplo e ideal de imitação.

Nós estamos conscientes das muitas diferenças existentes entre as pessoas que guiam nossas atividades. Muitas dependem do modelo de liderança do líder ao qual tomaram como exemplo. Outras dependem do tipo de pessoa que ele é.

*O pastor é o líder de Deus vivendo a vida de Cristo no meio do povo. É uma testemunha da graça divina, servindo não para benefício próprio mas para o bem-estar da congregação*

Shawchuck e Heuser argumentam que “se o líder é fraco, dúbio e irritado, a congregação refletirá essas qualidades. Se o líder é calmo, competente e pacífico, então a congregação eventualmente refletirá essas qualidades”. Eles ainda sugerem que “nosso mundo interior cria nossa realidade contextual”.<sup>1</sup>

Analisemos a seguir três bem conhecidos modelos gerais de liderança na Igreja: autocrático, *laissez faire* e democrático.

## Liderança autocrática

James Lundy descreve o líder autocrático como alguém que “toma decisões por si mesmo, dirige outros manipulando-os, critica rapidamente, talvez humilhantemente, e influencia pela intimidação”.<sup>2</sup> Esse líder toma poucas pessoas em sua confiança, e geralmente conserva autoridade e responsabilidade centralizadas em si mesmo.

Freqüentemente esse tipo de líder confessa fé na democracia, mas insiste que ele é o democrata que a dirige. Tal líder quer delegar responsabilidade, mas recusa partilhar autoridade. Os subordinados têm pouca ou nenhuma parte na formulação dos planos cuja execução deles é esperada.

Weldon Crossland descreve o líder autocrático como “um tipo de exército de um homem. Ele é o comandante-

em-chefe, sargento mestre, corporativo e privado. ... Ele é ‘a noiva em todo casamento e o cadáver de todo funeral’”.<sup>3</sup> A tal líder falta fé nas pessoas e em si mesmo. Líderes que sentem insegurança normalmente tendem a ser autocráticos; evitam partilhar responsabilidade e desenvolver outras pessoas como líderes, temendo que isso possa lhes suscitar rivais.

## Liderança *laissez faire*

Michael J. Anthony descreve o líder do tipo *laissez faire* como aquele que “prefere manter o *status quo* e prefere não fazer cena a respeito de qualquer coisa. Pode não ser o melhor caminho para fazer alguma coisa mas, contanto que funcione, por que tentar mudar? O lema dessa pessoa é: ‘se não está quebrado, não cole’. Ela prefere trabalhar isolada em seu escritório, longe da ação. ... Não gosta de confrontação e ‘vai com a maré’. ... Esse líder é mais parecido com um bondoso capelão do que com um comandante de tropas”.<sup>4</sup>

Ted W. Engstrom conclui que “esse estilo é praticamente de nenhuma liderança no final das contas, e permite as coisas tomarem o seu próprio curso”.<sup>5</sup> O líder *laissez faire* desenvolve uma imunidade ao lado administrativo do trabalho da Igreja. Ele provavelmente diz: “Eu sempre coloco tudo nas mãos

dos leigos.” Que o trabalho da igreja sofra dificuldades, não parece perturbá-lo; muito menos lhe perturba o fato de que esteja negando encorajamento, experiência e inspiração àqueles que, ao seu lado, estropiam a congregação. Tal líder pode ser descrito como um líder democrático “em cima do muro”.

### Liderança democrática

O líder democrático vê-se como um guia e conselheiro. Ele ajuda o grupo a definir e conquistar os objetivos da organização ou comunidade. Ajuda o grupo a planejar seu programa e desenvolver seus métodos. Busca conquistar seguidores para trabalhar com ele, não para ele. Acredita que a democracia é dinâmica e criativa, no sentido de que requer a participação de muitos, e atribui grande importância às pessoas e como elas atuam.

“Democracia”, diz Ordway Tead, “tem em alta consideração, em seus elementos constituintes, o princípio de conservação e enaltecimento da personalidade de todos os indivíduos – a idéia de respeito pela integridade da pessoa e do valor primário de desenvolvê-la. ... Isso inclui a descoberta e o uso de seus talentos, a mais completa expressão possível do seu poder criativo, a hipótese responsável de modelar as condições que tornam possível o crescimento na qualidade pessoal.”<sup>6</sup>

T. V. Smith distingue entre autoritarismo e democracia quando diz que o líder autocrático é forte na proporção da ignorância de seus seguidores, ao passo que o líder democrático é forte na proporção da inteligência de seus seguidores.<sup>7</sup>

Nós todos temos trabalhado com líderes na Igreja que enquanto prestam um serviço de lábios ao processo democrático, o negam na prática. Tais líderes frequentemente escolhem sua equipe ou elegem subordinados que sempre dirão “amém” a todos os seus programas e idéias. Ditadores mascarados de democratas acreditam que os fins justificam os meios. Tais líderes “usam as pessoas

e conduzem suas aspirações para aumentar sua autoridade. Conseguem o consentimento para suas decisões, mas fazem isso através de manipulação, ocultando os verdadeiros fatos, e através de meios de controle e ameaças”.<sup>8</sup>

Assim, o estilo de liderança é uma escolha moral: um líder escolhe se respeita a personalidade humana (como Jesus respeitou) ou se trata as pessoas como coisas.

### No ambiente da igreja

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma democracia espiritual, onde todos os membros têm os mesmos privilégios e responsabilidades.

E. Y. Mullins argumenta que “a democracia no governo da Igreja é um corolário inevitável da doutrina geral sobre a competência da alma em questões de religião. A capacidade do homem para governar, religiosamente falando, nada mais é que a autoridade de Cristo exercida em e através da vida interior dos crentes, sempre com a compreensão de que Ele regula essa vida interior de acordo com Sua Palavra revelada. O sacerdócio de todos os crentes é tanto uma expressão de competência da alma, como a democracia é sua expressão no lado eclesástico da religião”.<sup>9</sup>

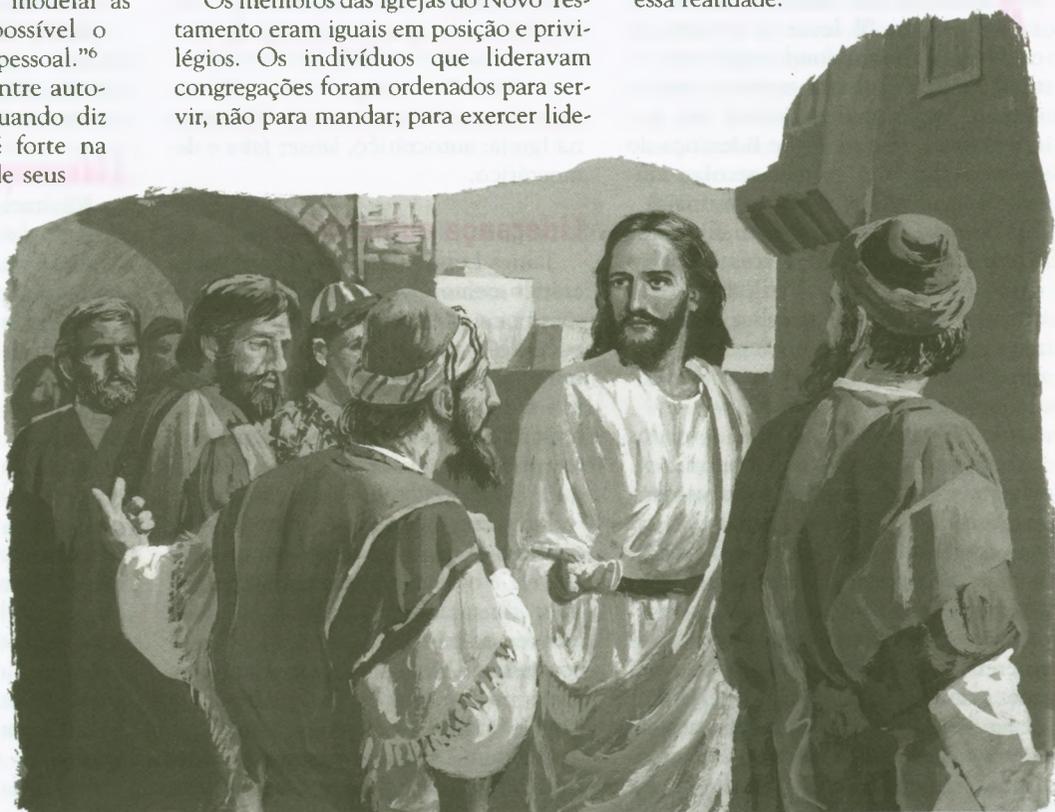
Os membros das igrejas do Novo Testamento eram iguais em posição e privilégios. Os indivíduos que lideravam congregações foram ordenados para servir, não para mandar; para exercer lide-

rança, não senhorio. Os papéis de liderança identificados em Efésios 4:11 e 12 revelam uma base funcional, não posicional. As distinções ditadas pelos dons do Espírito realçam várias esferas de serviço, não uma posição autoritária.

O ensinamento do próprio Cristo sobre esse assunto é inequívoco: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mat. 20:25-27). John R. W. Stott lembra que “clericalismo autocrático é destrutivo para a Igreja, desafiante ao Espírito Santo e desobediente a Cristo”.<sup>10</sup>

Certamente aqueles que foram selecionados como líderes espirituais nos tempos bíblicos possuíam qualidades similares aos que exerciam funções no mundo dos negócios e nas organizações civis. A diferença era a presença do poder capacitante do Espírito Santo. Essa é a razão pela qual o estilo de liderança secular é um modelo inadequado para o corpo de Cristo.

Quando um líder é cheio do Espírito Santo, ele possui as qualidades de caráter que refletem essa realidade.



Tal líder gera respeito, cuidado e preocupação pelos outros. Os servos cristãos demonstrarão uma liderança flexível, de acordo com a direção provida por Deus.

## Os objetivos

O sociólogo Vance Packard descreve os objetivos da liderança como “a arte de levar outros a querer fazer alguma coisa que você está convencido de que deve ser feita”.<sup>11</sup> Se isso é verdade, então um líder de igreja necessita ter em mente as seguintes questões: “O que é que eu estou tentando fazer em e através dessas pessoas? Como posso ajudá-las a desenvolver todo o seu potencial? O que é que eu estou tentando cumprir em e através da igreja?”

Andrew Blackwood lista oito dos principais alvos que um pastor deve alcançar. Ei-los:

- Evangelismo segundo o Novo Testamento.
- Nutrição espiritual da comunidade.
- Religião doméstica.
- Igreja amistosa.
- Aperfeiçoamento da comunidade.
- Missão nacional.
- Fraternalidade universal.
- Missão mundial.<sup>12</sup>

Os objetivos do pastor poderiam ser estabelecidos numa estrutura de pessoas que foram redimidas, nascidas de novo e reunidas voluntariamente em uma comunidade amorosa. O interesse nas pessoas deveria levar ao interesse no crescimento delas.

O papel do pastor é facilitar o desenvolvimento do caráter cristão e construir um clima espiritual condutor do crescimento de uma comunidade verdadeiramente espiritual. Ele é um líder motivado pelo amor, com visão e compaixão, que tem fé nas pessoas e crê que elas crescem através de cooperação voluntária, não de coerção.

Uma forma pela qual as pessoas crescem é estando envolvidas no desenvolvimento e manutenção dos planos e programas da igreja. Detalhar às pessoas o que fazer e como fazer sufoca a criatividade e produz dependência espiritual. Semelhantemente a canários, elas se tornam contentes no cativo e sempre desejaram permanecer na gaiola, mesmo quando a porta esteja aberta.

James M. Kouzes e Barry Z. Posner argumentam: “Líderes constroem equipes com espírito e coesão, equipes que se sentem como uma família. Eles en-

volvem ativamente outros em planejar e lhes ensinam prudência para tomar suas próprias decisões. Líderes fazem com que os outros se sintam proprietários, não como empregados.”<sup>13</sup>

Por que alguns pastores são incapazes de partilhar responsabilidades com os membros? Seria uma questão de poder e popularidade? Seria o desejo de serem executivos que dirigem pessoas querendo que elas lhes prestem satisfação até por um aceno que precisam dar? Ou é por vaidade e glorificação própria?

Bert Haloviak, diretor de Arquivos e Estatísticas da Associação Geral, relata que Tiago White, um líder de igreja do “modelo patriarcal”, aparentemente tinha dificuldade em delegar responsabilidades. Um mês depois de sua morte, sua esposa, Ellen, estava de joelhos “suplicando ao Senhor luz para cumprir seu dever”. Enquanto orava, ela dormiu e sonhou que estava em sua carruagem sentada ao lado do esposo, que dirigia o veículo. Depois, ela escreveu a conversa que teve lugar entre eles no sonho. Tiago confessava: “Eu cometi erros; o maior deles foi permitir-me, em minha simpatia pelo povo de Deus, tomar sobre mim trabalhos que outros poderiam ter feito.”<sup>14</sup>

Liderança espiritual envolve ver a igreja como uma escola, da qual o pastor é o supervisor, com várias atividades correlatas tais como adoração, ensino, treinamento, serviço, recrutamento, cuidado de membros, relações públicas, organização, pregação, administração. O pastor é o deão e todos os membros são seus colegas de ministério.

## O líder espiritual

Técnicas de administração, apenas, não fazem um líder de sucesso. O que um líder é como pessoa é de maior importância que o papel de liderança assumido. Um líder cristão é, antes de tudo, um cristão. Com uma vida dirigida por Deus e capacitada pelo Espírito Santo, um líder-servo vive o que professa.

Em seu livro mais recente, Kouzes e Posner identificam a “credibilidade” como a chave. Eles aconselham: “Líderes terão de nutrir seu relacionamento com os liderados. Terão de mostrar às pessoas que eles cuidam todos os dias. Terão de tomar tempo para agir conscienciosa e consistentemente. Suas ações devem falar mais alto que suas palavras. Liderança, depois de tudo, existe apenas aos olhos dos lidera-

dos.”<sup>15</sup> O pastor é o líder de Deus vivendo a vida de Cristo no meio do povo. Ele é, antes e acima de tudo, uma testemunha da graça de Deus, servindo não para benefício próprio mas para o bem-estar da congregação.

O líder deve crer em si mesmo antes que possa aceitar, acreditar e servir outras pessoas. “A insegurança e a personalidade privada não são requisitos básicos para completa e livre aceitação de outros nem para identificação com seus problemas e necessidades. Psicólogos têm descoberto que pessoas que estão muito absorvidas pelos seus problemas são incapazes de se preocupar com os problemas dos outros.”<sup>16</sup>

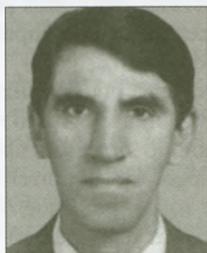
O líder cristão poderia dizer ao seu povo: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos, logo, todos morreram. E Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou” (II Cor. 5:14 e 15).

O líder cristão escolhe “servir acima do interesse próprio”<sup>17</sup> e seguirá a admoestação de Pedro: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (I Ped. 5:2 e 3). **M**

### Referências:

- <sup>1</sup> Norman Shawchuck e Roger Heuser, *Leading the Congregation* (Nashville: Abingdon Press, 1993), págs. 111 e 56.
- <sup>2</sup> James Lundy, *Lead, Follow, or Get Out of the Way* (San Diego: Pfeiffer & Co., 1993), pág. 92.
- <sup>3</sup> Weldon Crossland, *Better Leaders For Your Church* (Nova York: Abingdon Press, 1955), pág. 14.
- <sup>4</sup> Michael J. Anthony, *The Effective Church Board* (Grand Rapids, MI, Baker Books, 1993), pág. 135.
- <sup>5</sup> Ted W. Engstrom, *The Making of a Christian Leader* (Grand Rapids: Zondervan, 1976), pág. 71.
- <sup>6</sup> Ordway Tead, *Democratic Administration* (Nova York: Association Press, 1945), págs. 58 e 59.
- <sup>7</sup> T. V. Smith, *The Democratic Way of Life* (Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1936), capítulo 6.
- <sup>8</sup> Engstrom, *Op. Cit.*, pág. 174.
- <sup>9</sup> E. Y. Mullins, *The Axioms of Religion* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1997), pág. 66.
- <sup>10</sup> John R. W. Stoot, *One People* (Downer's Grove: Intervarsity Press, 1971), pág. 33.
- <sup>11</sup> Vance Packard, *The Pyramid Climbers* (Nova York: McGraw Hill, 1962), pág. 170.
- <sup>12</sup> Andrew W. Blackwood, *Pastoral Leadership* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949), págs. 16-19.
- <sup>13</sup> James M. Kouzes e Barry Z. Posner, *The Leadership Challenge* (San Francisco: Jossey-Bass Pub., 1987), pág. 131.
- <sup>14</sup> Ellen G. White, *Manuscript Releases*, 10:38-40 (12/09/1881), Ellen G. White State, Silver Spring, Maryland.
- <sup>15</sup> Kouzes e Posner, *Credibility* (San Francisco: Jossey-Bass Pub., 1993), pág. 56.
- <sup>16</sup> Franklyn S. Haiman, Ph.D., *Group Leadership and Democratic Action* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1950), pág. 115.
- <sup>17</sup> Peter Block, *Stewardship* (San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 1993), pág. 49.

# Evangelismo da AMIZADE



**OLIVEIRA J. PIRES**

*Presidente da Missão  
Mato-Grossense, Brasil*

**P**or que as pessoas deixam de frequentar a igreja? Por que chegam atrasadas às reuniões sabáticas e não aceitam ficar nas respectivas unidades da Escola Sabatina? Por que muitas visitas vêm e não voltam mais? De acordo com pesquisas feitas entre membros afastados da Igreja, nos Estados Unidos, chegou-se à conclusão de que a maioria desses irmãos deixou a comunhão de suas congregações por duas razões básicas: falta de companheirismo e amizade entre os membros, e cultos insípidos que não satisfaziam as necessidades sentidas.

Nesta oportunidade, quero analisar o primeiro item. A amizade é uma das grandes virtudes cristãs. Quando a aplicamos na arte de evangelizar e conservar novos membros, o sucesso é garantido.

O mundo em que vivemos está cheio de pessoas carentes. Algumas delas encontram-se todos os sábados em nossas classes de Escola Sabatina, à espera de alguém que lhes ofereça amizade e companheirismo. Outras chegam como visitas aos nossos cultos. São pessoas que sempre necessitam de ajuda. Por que negar-lhes o que mais precisam?

Diante disso, a virtude da amizade deve ser muito mais ensinada e vivida

## *É mais importante fazer amigos do que ganhar um debate*

pelas igrejas. Cristianismo não é simplesmente uma religião, mas é verdadeiro relacionamento com Cristo e com os semelhantes.

### **Importância**

A amizade é algo muito mais importante do que pensamos. Porque ninguém vive sem amigos. Todos nós necessitamos sentir o calor de uma verdadeira amizade. O homem é um ser social. Se um membro de uma congregação não tem amigos, seguramente permanecerá pouco tempo ali. Se uma visita chega à igreja e não encontra um ambiente de amizade e companheirismo, ela sairá e talvez não volte. Ou procurará outro lugar onde seja bem recebida e onde suas necessidades sejam atendidas.

“A amizade é contagiosa. O problema é que muitos de nós esperamos contraí-la de outros, quando seria melhor darmos a eles a chance de contraí-la de nós.”

“As amizades multiplicam as alegrias e dividem as aflições.”

“Quem encontra um amigo encontra um tesouro.” Esses são adágios populares, bem conhecidos de todos nós e que devem ser uma realidade em nossas congregações.

Creio que pastores e líderes voluntários deveriam promover um ambiente mais amistoso em sua área de trabalho. Precisamos transformar cada uma de nossas igrejas em uma família grande e unida. Todos somos irmãos. Devemos dar

atenção a todas as pessoas. A igreja deve se transformar num lugar de refúgio para os perseguidos, proteção aos desabrigados, e centro de aconselhamento para os desorientados e aflitos. Quando isso acontecer, as pessoas terão mais interesse nos cultos e a eles trarão seus amigos.

### **Como fazer amigos**

Seja você um amigo. Procure ser simpático para com as pessoas; ajude-as em suas dificuldades.

Chame as pessoas pelo nome. Quando o nosso nome é pronunciado corretamente, soa como música aos nossos ouvidos.

**Demonstre interesse pelos problemas dos outros.** Seu vizinho está doente? Ofereça-se para levá-lo ao hospital. Conhece alguém que está sobrecarregado? Ofereça-se para ajudá-lo. O bom amigo é sensível às necessidades de outras pessoas.

**Procure servir em qualquer oportunidade.** Mesmo que você já esteja na cama para o descanso da noite, se alguém precisar de auxílio, esteja pronto, sem demonstrar incômodo.

**Concorde sempre que possível.** O Pastor Mark Finley, no telecurso “Fazendo amigos para Deus”, ensina que “o mais importante não é ganhar um debate, e sim fazer um amigo; jamais ganhamos os inimigos. Só os amigos”. Por isso, nos primeiros contatos é sempre bom concordar, no que for possível, com as pessoas.

**Aceite as pessoas da maneira como são.** Aceitar uma pessoa tal como ela é não significa dizer que aprovamos suas crenças ou o que ela faz de errado. Significa que demonstramos consideração por ela como um ser humano e que vamos procurar ajudá-la. Jesus nos aceita como somos.

Acredito que se pregarmos e promovermos mais a amizade e o companheirismo que deve haver entre os crentes, nossos cultos serão mais bem frequentados. Além disso, estaremos batizando mais do que fazemos hoje e fechando a porta da apostasia. **M**

# A NATUREZA HUMANA DE CRISTO



William de Moraes

## PEDRO APOLINÁRIO

*Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, jubilado, reside em Taubaté, SP, Brasil*

**D**entre os muitos temas da cristologia que desde os tempos pós-apostólicos têm gerado inúmeros debates, há um que aparentemente permaneceu com certo grau de indefinição: referimo-nos à natureza humana de Cristo. Era ela pecaminosa ou não?

Inicialmente poderíamos dizer que não há posição definida na Igreja Adventista a respeito do assunto, tal a sua complexidade. Aliás, esse problema vem desde os dias de Pelágio e Agostinho. É importante destacar, porém, que “assim como a fé em Cristo constitui a alma do cristianismo puro e prático, igualmente a verdadeira doutrina acerca de Cristo é o âmago de toda a teologia que mereça o nome de cristã”.<sup>1</sup> Por esse motivo, com o espírito dos bereanos (Atos 17:11), examinemos as Escrituras objetivando maior compreensão da natureza humana de Cristo.

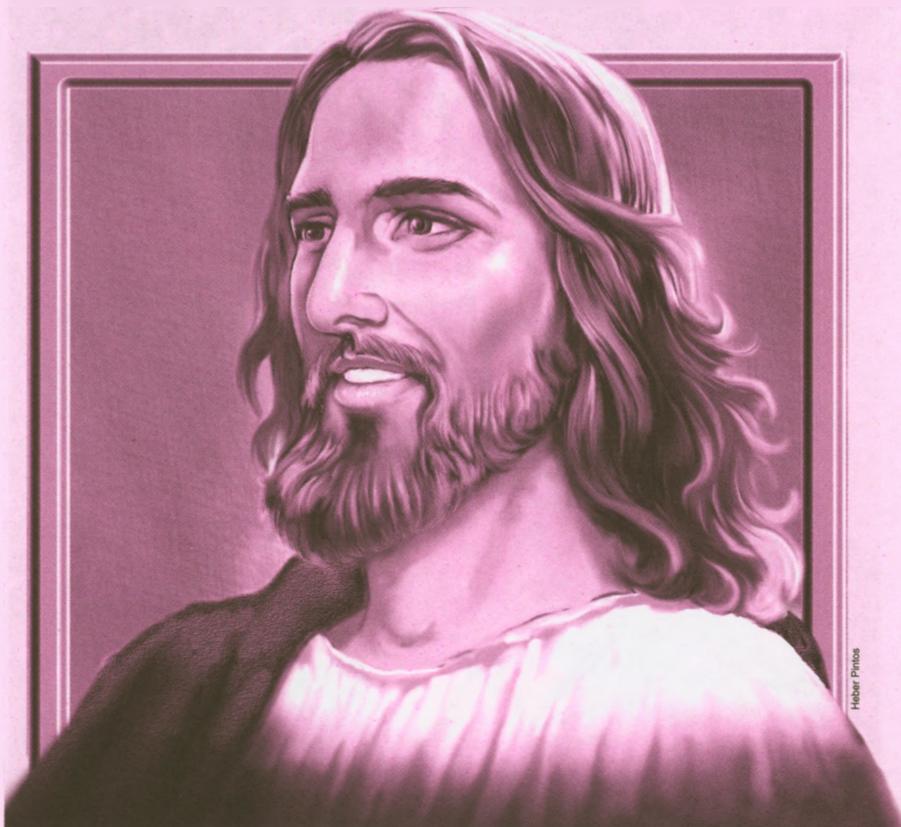
Como o Filho de Deus, o criador dos Céus e da Terra veio a este mundo nascer como Filho do homem, reunindo em uma pessoa as naturezas divina e humana, transcende a limitada compreensão do homem. Essa é a razão pela qual a Bíblia denomina este acontecimento como o grande mistério da pie-

*É essencial saber que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem sem pecado. Como divino, trouxe Deus aos homens; como humano elevou os homens até Deus*

dade: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória” (1 Tim. 3:16). Embora a encarnação seja mistério para nós, so-

mos encorajados pelos escritos de Ellen White a estudá-la, orientados pelo Espírito Santo.<sup>2</sup>

“A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo a Deus.”<sup>3</sup>



Heber Pinho

“Evite toda discussão a respeito da humanidade de Cristo que dê lugar a mal-entendidos.”<sup>4</sup>

“As duas expressões humano e divino, em Cristo, tornaram-se unidas e inseparavelmente uma, contudo mantinham uma distinta individualidade.”<sup>5</sup>

Todos caímos pelo pecado do primeiro Adão, mas todos seremos libertados do pecado pela obediência do segundo Adão. Cristo tomou o lugar de Adão, para ser aprovado onde o pai da raça humana falhou. É essencial saber que Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, porque em virtude da duplicidade de Seu trabalho era necessário que Ele fosse divino e humano. Como divino, trouxe Deus aos homens; como humano elevou os homens até Deus.

Na Igreja primitiva, houve várias heresias causadas pela dificuldade dos homens harmonizarem a divindade e a humanidade de Cristo. Os grupos que se engalfinharam nessa pendência cristológica foram: ebionistas, docetistas, cerintianistas, monofisistas, eutiquianistas, pelagianistas e até apolinaristas. As controvérsias dividiram a Igreja por

séculos, porque muitos houve que tentaram ir além das revelações divinas.

## O problema na Igreja Adventista

Desde os pioneiros até hoje, assumimos duas posições distintas quanto à humanidade de Cristo. Um grupo defende que Ele veio com a natureza de Adão antes da queda. É a posição chamada pré-lapsariana. Outro grupo argumenta que Cristo veio com a natureza de Adão depois da queda, assumindo a posição que é chamada pós-lapsariana. O termo lapsariana vem de *lapsus*, palavra latina que significa queda, lapso.

A Organização Adventista, nem nas 22 *Declarações de Nossa Crença*, nem nas mais recentes 27 *Declarações das Crenças Fundamentais*, votadas em Dallas, Texas, em abril de 1980, tratou do assunto.

E. J. Waggoner declarou que Cristo possuía a natureza pecaminosa do homem.<sup>6</sup> Seria bom saber que alguns estudiosos dos problemas enfrentados pela Igreja afirmam que a razão primordial para a apostasia de Waggoner e Jones, as duas figuras principais da justificação pela fé, foi a recusa de nossos líderes em aceitar suas crenças pós-lapsarianas.

O Pastor W. Prescott afirmou enfaticamente durante um sermão, que foi publicado em *The Bible Echo*, de 06/01/1896, que Cristo tomou sobre Si a natureza pecadora.<sup>7</sup>

Quando o livro *Questions on Doctrine* foi publicado, em 1957, com a taxativa afirmação da absoluta impecabilidade de Cristo, representou um choque para muitas pessoas, como M. L. Andreasen, que escreveu o seguinte: “Tal ensino era contrário ao que os adventistas sempre haviam crido e ensinado.”<sup>8</sup>

## Lições conflitantes

Dois lições da Escola Sabatina já apresentaram de modo diferente a natureza humana de Cristo. A do primeiro trimestre de 1983, escrita por Norman R. Gulley, dava ênfase à natureza humana não pecaminosa. As principais posições daquele autor são as seguintes:

- Cristo é nosso substituto.
- Pecado não é apenas um ato, mas separação de Deus. Cristo, assumindo a natureza humana, manteve inflexível união com Deus.

• Quanto à natureza física, Cristo é semelhante a nós. Mas quanto à natureza moral e espiritual, era semelhante a Adão em seu estado de pureza antes da queda. Cristo é o segundo Adão por não ter propensões para o pecado.

• Não somos culpados pelo pecado de Adão. Não nascemos pecadores, mas com tendências pecaminosas.

• A missão de Cristo foi salvar pecadores (Luc. 19:10). Se possuísse natureza pecaminosa era também um pecador, necessitando Ele mesmo de um salvador.

A lição do quarto trimestre de 1984, escrita por Herbert Douglass, opõe-se à de Gulley, por defender que Cristo tinha natureza humana pecaminosa. Eis os argumentos essenciais de Douglass:

• Cristo devia tomar a natureza caída para ser nosso exemplo.

• Para bem compreender a natureza humana, era necessária perfeita identificação dEle com o homem.

• Cristo não poderia com justiça haver condenado o pecado na carne, se a Sua fosse intrinsecamente diferente da carne humana.

• As expressões bíblicas: “Ele tomou a descendência de Abraão” (Heb. 2:16 – Almeida Antiga) e “segundo a carne, veio da descendência de Davi” (Rom. 1:3) são usadas como prova de que Jesus tomou uma natureza pecaminosa derivada de Abraão e Davi.



Harry Anderson

O amplo contexto da Bíblia, todavia, prova que esses versos não estão considerando a natureza de Cristo, mas a Sua missão. Assim como Deus chamou a Abraão para formar um povo, através do qual abençoaria todas as nações (Gên. 22:18), semelhantemente Jesus veio através de Maria para salvar as nações (Mat. 1:18-21).

Douglass ainda defende sua posição valendo-se das seguintes passagens: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também Ele, igualmente, participou, para que, por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Heb. 2:14); “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15); “Ele, Jesus, nos dias da Sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem O podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da Sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-Se o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem” (Heb. 5:7-9)

Comentando esse último texto, Douglass afirma que se Cristo tivesse a natureza de Adão, antes da queda, não teria necessidade de aprender neste mundo. E, em defesa do seu ponto de vista, cita Ellen White: “Cristo tomou sobre Sua natureza divina a forma e natureza do homem caído.”<sup>9</sup> Em nota da lição do dia 03/11/1984, Douglass escreveu: “Ele (Cristo) reteve o caráter de Deus, enquanto foi sobrecarregado com a natureza ou constituição pecaminosa.”

Ao estudar a lição de Douglass, confesso que fiquei particularmente chocado com a sua posição declarando que Cristo tinha natureza humana pecaminosa. Não podia entender, e não posso até hoje, que lições da Escola Sabatina, que refletem as doutrinas bíblicas, pudessem apresentar ensinamentos tão conflitantes. Diante disso decidi pesquisar na Bíblia, nos escritos de Ellen G. White e em comentaristas idôneos, para chegar a uma posição consentânea com a verdade divina. Afinal, quando dois pontos de vista conflitantes nos são apresentados, estudando um e outro, creio que é nosso dever aceitar um e rejeitar o outro, ou pelo menos aceitar o mais coerente com o “assim diz o Senhor”.

## Posições harmonizadoras

Embora Gulley e Douglass se valham da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White para defender suas posições contrárias, a análise das duas lições deixa-nos a impressão de que os argumentos de Gulley são mais lógicos, consistentes e em harmonia com as Escrituras e os escritos da Sra. White.

Inegavelmente a Bíblia nos apresenta a Cristo como nosso substituto e exemplo, mas a salvação não a recebemos apenas por imitar o exemplo digno da vida que Ele nos legou. Seu papel como substituto ocupa posição primordial, enquanto como exemplo, um lugar subordinado. Jesus é nosso exemplo em Sua vida, mas não em Seu nascimento; pois Seu nascimento foi diferente. A expressão “semente de Abraão”, presente no Novo Testamento, refere-se não à natureza de Cristo, mas à Sua missão.

As passagens de Romanos 8:3; II Coríntios 5:21; Filipenses 2:7 e Hebreus 2:14 são usadas por Gulley e Douglass para provar suas conclusões. Confrontando esses versos com outros, concluímos que é difícil aceitar que a natureza humana de Cristo seja pecaminosa. Os textos citados afirmam que Jesus era homem, que veio na semelhança, mas não na identidade do homem. Semelhança não significa igualdade. A serpente de bronze do deserto não era destruidora, mas assemelhava-se a uma serpente destruidora.

Sobre Romanos 8:3, que diz: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito condenou Deus, na carne o pecado”, escreveu A. V. Olson: “A expressão ‘Deus enviando o Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa’ não deve ser interpretada como significando que Deus enviara Seu Filho em carne pecaminosa. A semelhança é símile, uma comparação, uma aparência externa e não algo absolutamente igual. Uma fotografia de determinada pessoa é a semelhança exterior de quem se deixou fotografar, mas não aquela pessoa. Assim ocorre com a carne de Cristo. Assemelhava-se à carne dos homens no meio dos quais viveu, mas achava-se livre de qualquer mancha de pecado.”<sup>10</sup>

A respeito da declaração de Hebreus 2:14: “Visto, pois, que os filhos têm par-

ticipação comum de carne e sangue, destes também Ele, igualmente, participou...”, a resposta de Gulley é que esse texto refere-se à natureza física e não espiritual. A Bíblia afirma que todos os descendentes de Adão foram concebidos em pecado, logo todos são pecadores. Essa foi exatamente a confissão de Davi, no Salmo 51:5: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.”

Sendo Adão cabeça e representante geral de toda a raça, a sua queda fez com que todos os homens caíssem. Isso é o que Paulo nos diz em duas passagens: “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rom. 5:19); “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Cor. 15:22). Foi a morte que passou a todos os homens, não a culpa de Adão.

A única exceção a essa regra geral foi o nascimento de Cristo que esteve livre do pecado original, porque Sua natureza humana foi formada no ventre de Maria pelo poder do Espírito Santo, e o que vem diretamente de Deus não pode ser maculado pelo pecado. O apóstolo João, em seu evangelho (1:13) confirma que Cristo não nasceu da vontade da carne, mas do Espírito Santo.

Existem pelo menos duas passagens que apresentam a Cristo livre da pecaminosidade e sem propensão para o pecado: “Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21), a respeito da qual Raoul Dederen comenta: “‘Se fez pecado’ não é uma expressão muito comum. Entretanto parece-me claro querer dizer que foi tratado como um pecador, feito para carregar a pena do pecado, ou algo semelhante. Deus mesmo, comenta Karl Barth ‘olhou-O e O tratou como um pecador.’”<sup>11</sup> “Ele tornou-Se pecado por nós, não na natureza pelo nascimento, mas em missão pela morte”, afirma Norman Gulley.

O livro *Questions on Doctrine*, preparado por professores de teologia e líderes adventistas, à página 56, comentando a expressão “Ele O fez pecado por nós”, declara: “Esta afirmação paulina tem desconcertado teólogos durante séculos, mas por mais que signifique, certamente não quer dizer que nosso imaculado Senhor Se tornou um pecador. O texto declara que Ele foi feito (como pecado). Portanto

deve significar que Ele foi contado com os transgressores (Isa. 53:12), e que tomou o fardo e a penalidade que nos cabiam.”

Conforme alguns comentaristas, pecado, nessa passagem, significa “oferta pelo pecado”.<sup>12</sup>

A outra passagem é Hebreus 7:26: “Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os Céus.” Esse verso confirma que Jesus não tinha natureza pecaminosa.

### Testemunho bíblico

Há outras convincentes provas bíblicas da impecabilidade de Cristo: “Mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (I Ped. 1:19). “Sabeis também que Ele Se manifestou para tirar os pecados, e nEle não existe pecado” (I João 3:5). “Quem dentre vós Me convence de pecado?” (João 8:46).

“Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo, e ele nada tem em Mim” (João 14:30). Satanás não tinha nada em Jesus, porque natureza humana do Filho de Deus não era pecaminosa. “Muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Heb. 9:14).

### Declarações abalizadas

Do que Ellen White e outros comentaristas escreveram sobre o assunto, podemos selecionar algumas citações: “Sede cuidadosos, excessivamente ao vos demorardes sobre a natureza humana de Cristo. Não O apresenteis diante do povo como homem com propensão para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, ser não pecaminoso, sem uma mancha de pecado sobre si, tinha a imagem de Deus e podia cair e o fez por meio da transgressão. Pelo pecado, sua posteridade nasceu com a inerente propensão da desobediência. Jesus Cristo, porém, era Filho unigênito de Deus. Tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos em que a criatura humana o é. Ele podia ter pecado; podia ter caído, mas nem por um momento houve nEle qualquer propensão para o mal.

“Nunca, de maneira alguma, deixai

a mais leve impressão sobre as mentes humanas de que pairasse sobre Cristo corrupção, mancha ou inclinação para o pecado.”<sup>13</sup>

“Ele tomou a forma humana, porém, não a natureza pecaminosa.”<sup>14</sup>

“Identificando-Se com nossas necessidades, com nossas fraquezas e falhas... era um poderoso solicitador, não possuindo as paixões de nossa natureza humana caída.”<sup>15</sup>

“Não devemos ter dúvidas quanto à perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo.”<sup>16</sup>

“Ele tomou sobre Sua natureza sem pecado a nossa pecaminosa natureza.”<sup>17</sup>

“Tivesse Ele uma nódoa de pecado, e não poderia ser o Salvador da humanidade.”<sup>18</sup>

“Tivesse Jesus vindo ao mundo com uma mancha de pecado, com inclinações e propensões para o mal, e teria es-

*Jesus tornou-Se  
pecado por nós,  
não na natureza  
pelo nascimento,  
mas em missão  
pela morte.*

tado como todos os filhos de Adão (ver Rom. 5:12) debaixo da condenação da morte devido a Sua situação deplorável, e portanto necessitado de expiação.”<sup>19</sup>

“O Filho de Deus assumiu nossa natureza humana sem pecado, de modo que Ele era em tudo igual a nós, exceto no pecado.”<sup>20</sup>

“Este aspecto da natureza humana pecaminosa, embora presente na posteridade de Adão, não estava presente na natureza humana de Cristo.”<sup>21</sup>

“Ele (Cristo) devia tomar Sua posição de cabeça da humanidade, tomando a natureza, mas não a pecaminosidade do homem.”<sup>22</sup>

Existem citações que favorecem a outra posição? Inegavelmente existem.

A mais conhecida e citada encontra-se no Comentário Bíblico Adventista: “Jesus Se apropriou na natureza sofredora humana caída, degradada, corrompida pelo pecado.”<sup>23</sup> À luz, porém, do contexto amplo dos escritos de Ellen White e das Escrituras Sagradas, essa e outras declarações no mesmo tom se referem, sem dúvida alguma, à natureza física de Cristo; não à natureza moral.

### Aceitação geral

A maioria dos teólogos adventistas e protestantes crê que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda. Portanto Sua natureza humana não era pecaminosa, como podemos verificar até aqui, lembrando que esse tema, embora significativo, não é tão importante como a crença em Cristo como o nosso Salvador pessoal.

Graças a Deus pela orientação segura da Sua Palavra para nos esclarecer e orientar pelos caminhos da vida rumo ao Céu. A crença de que a natureza humana de Cristo era pecaminosa opõe-se à Bíblia, foi condenada pela Igreja primitiva, rejeitada pelos reformadores e contrária explícitas declarações de Ellen White.

A natureza humana de Cristo era exatamente igual a nossa: imperfeita e corrompida no aspecto físico. No aspecto moral, todavia, era santa. Ele foi o segundo Adão. Seu próprio desafio deve silenciar de uma vez a questão: “Quem dentre vós Me convence de pecado?” (João 8:46). 

### Referências:

- <sup>1</sup> Filip Schaff, *A Pessoa de Cristo*, pág. 13.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Review and Herald*, 05/04/1906
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 244.
- <sup>4</sup> \_\_\_\_\_, *Carta n.º 8* ao Pastor W. L. H. Baker.
- <sup>5</sup> *Signs of the Times*, 10/05/1899.
- <sup>6</sup> Raoul Dederen, *Cristologia*, pág. 101.
- <sup>7</sup> *Idem*, pág. 108.
- <sup>8</sup> M. L. Andreasen, *Letters to the Churches n.º 1*, pág. 5.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Spirit of Prophecy*, vol. 2, pág. 39.
- <sup>10</sup> A. V. Olson, *O Ministério Adventista*, setembro/outubro de 1962, pág. 10.
- <sup>11</sup> Raoul Dederen, *Op. Cit.*, pág. 56.
- <sup>12</sup> Russel Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. 4, pág. 350.
- <sup>13</sup> *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1.128.
- <sup>14</sup> *Signs of the Times*, 29/05/1901, citado em *Questions on Doctrine*, pág. 55.
- <sup>15</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 2, págs. 508 e 509.
- <sup>16</sup> \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 310.
- <sup>17</sup> \_\_\_\_\_, *Medicina e Salvação*, pág. 181.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_, *The Youth's Instructor*, 21/08/1899.
- <sup>19</sup> A. V. Olson, *Op. Cit.*, pág. 10.
- <sup>20</sup> *Fórmula de Concórdia*, pág. 239.
- <sup>21</sup> Raoul Dederen, *Op. Cit.*, pág. 125.
- <sup>22</sup> *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pág. 925.
- <sup>23</sup> *Idem*, vol. 4, pág. 1.147.

# O ÉDEN E O SANTUÁRIO



**ANGEL MANUEL RODRIGUEZ**

*Ph.D., diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD*

**G**ênesis 2:4 a 3:24 contém terminologia e conceitos associados no Antigo Testamento com a teologia do santuário. Isso tem levado alguns a sugerir que o jardim do Éden “era um tipo do santuário original”.<sup>1</sup> Embora o Éden não fosse um santuário no sentido em que o tabernáculo era, nós encontramos na narrativa do jardim os primórdios da teologia do santuário. Neste artigo, vamos resumir importantes estudos teológicos e exegéticos sobre o assunto, realizados por teólogos não adventistas, e explorar como sua percepção pode contribuir para uma melhor compreensão da doutrina do santuário.

## Paralelos

**Localização oriental.** O jardim estava localizado na parte oriental do Éden (Gên. 2:8) e, aparentemente, sua entrada também olhava para o oriente (Gên. 3:24).<sup>2</sup> A entrada do santuário israelita também estava no lado oriental (Êxo. 27:13-16; 38:13-18).<sup>3</sup> Em um sentido, o portão do jardim funcionava mais como uma saída do que uma entrada, enquanto o portão do santuário era uma entrada, um retorno do oriente.

*Dois lugares que são o centro da vida porque o Senhor está presente em ambos. São também lugares onde Deus e o homem podem estar juntos em amizade*

**Torrentes de água.** O Éden era uma fonte abundante de água (Gên. 2:10). A água era usada no santuário para limpeza e purificação do sacerdote. Havia um lavatório próximo à entrada do santuário (Êxo. 38:8).

Um curso de água é algumas vezes associado com o templo israelita (Sal. 46:4). Em Salmo 36:8-10, o santuário é descrito como “um lugar de refúgio das dificuldades da vida. ... Note que a palavra traduzida como ‘delícias’ (*cadnek*) é simplesmente o plural de Éden. ... Aqui, as ‘torrentes das Tuas [Deus] delícias’ são identificadas com o ‘manancial da vida’”.<sup>4</sup> A água torna-se um símbolo da vida e das bênçãos de Deus. Ezequiel toma essa imagem e a associa com o templo escatológico de Deus (Ezeq. 47:1-12; Joel 3:18; Zac. 14:8).

**Árvore da vida** (Gên. 2:9; 3:24). É geralmente entendido que a árvore da vida estava representada no interior do santuário pelo castiçal de ouro. Tinha sete ramos e as copas sobre cada ramo tinham a forma de flores de amêndoa decoradas com brotos e flores (Êxo. 25:31-36). “A presença de termos botânicos e a forma básica da vara com seis ramos, dá a impressão de um objeto com formato de árvore.”<sup>5</sup> Se essa visão é correta, então, o jardim e o santuário eram lugares onde a fonte da vida estava localizada.

**Ouro e pedras preciosas.** A narrativa do Éden menciona ouro e pedras preciosas (2:12). A mobília do tabernáculo estava coberta com ouro e uma das vestimentas do sacerdote era decorada com pedras preciosas (Êxo. 25:13, 18, 24 e 7). Alguns encontram aqui elementos comuns partilhados com o jardim e o santuário. O termo ônix é usado em Gênesis e no contexto do santuário (Êxo. 27:7; 28:9-12). A associação terminológica é válida e apóia a visão de que o jardim e o santuário partilham alguns conceitos fundamentais.

**Querubim.** Os querubins são mencionados primeiro em Gênesis 3:24. A figura do querubim era usada para decorar cortinas no interior do tabernáculo (Êxo. 26:1 e 31) e dois deles eram parte da arca do concerto (Êxo. 25:17-22). Eles estavam ali, como no Éden, como servos de Deus. O querubim colocado na entrada do jardim lembrava as pessoas de que Deus ainda lhes era acessível.

**Guardas na entrada.** A função do querubim era “guardar [*shamar*] o caminho da árvore da vida” (Gên. 3:24); isto é, eles estavam protegendo a santidade do jardim e o acesso ao símbolo da vida. Os levitas foram colocados ao redor do santuário para “cuidar [*shamar*] do tabernáculo do testemunho (Núm. 1:53). Eles eram responsáveis

pela proteção do tabernáculo contra qualquer pessoa que tentasse invadir o lugar sagrado.<sup>6</sup>

**O trabalho de Adão.** Os seres humanos foram colocados para “cultivar” [cabat] e “guardar” [shamar] o jardim (Gên. 2:15). Esses verbos são usados juntos novamente em Números 3:7 e 8; 8:26; 18:5 e 6, para descrever os deveres dos levitas em trabalhar, ministrar e guardar o santuário.<sup>7</sup> Adão realizou no jardim do Éden uma tarefa que posteriormente foi designada aos levitas.

**As vestes de Adão e Eva.** Depois da queda, Deus providenciou para Adão e Eva uma veste de pele de animais (Gên. 3:21). Nos serviços do santuário, a pele de animais, o couro, era dada aos sacerdotes oficiantes (Lev. 7:8).

Dois outros termos usados na história do jardim são encontrados no contexto do tabernáculo. O verbo *shakan*, “habitar”, é usado em Gên. 3:24 e Êxo. 25:8 (Deus habitou [shakan] entre os israelitas).<sup>8</sup> Gênesis 3:8 descreve o Senhor como caminhando (*hithallek* – caminhando de um lado para outro; do verbo *halak* – caminhar) no jardim. O mesmo verbo é usado em Levítico 26:12 e Deuteronômio 23:14 para descrever a presença divina no santuário. “O Senhor caminhou no Éden e, subseqüentemente, caminhou no tabernáculo.”<sup>9</sup>

### Ligações teológicas

**Encontro entre Deus e o homem.** De uma perspectiva teológica, o jardim do Éden era onde Deus e os seres humanos se encontravam num relacionamento harmonioso. O jardim não era a habitação de Deus,<sup>10</sup> mas um lugar criado

por Deus para o homem, no qual ele deveria habitar (Gên. 2:8 e 15).

Nós encontramos idéias similares no estabelecimento do santuário israelita. O santuário era onde Deus e os humanos se reuniam. Mas quando examinamos as similaridades entre o jardim e o santuário como lugares de encontro, os paralelos com o jardim não são exatos. O jardim foi criado por Deus. O homem habitava nele. Deus o visitava e havia perfeita harmonia entre eles. O tabernáculo foi construído por seres humanos. Deus habitava ali. Os homens iam encontrar-se com Deus, e o propósito da visita era restaurar ou preservar o relacionamento entre Deus e os homens.

A razão das diferenças é que o jardim pinta o relacionamento entre Deus e o homem num contexto livre de pecado e morte. O tabernáculo apresenta o mesmo relacionamento no contexto de pecado e morte. Agora Deus era quem habitava com o homem porque o homem rejeitou habitar no lugar que Deus criou para ele.

Os seres humanos são descritos como retornando do oriente. O oriente na Bíblia poderia ser um símbolo de bem ou mal.<sup>11</sup> É o lugar de escravidão, opressão (Ezeq. 25:4) e idolatria (8:16). A volta do oriente era símbolo de submissão a Deus. De onde quer que os israelitas viessem para o santuário, eles estavam retornando à experiência original de harmonia e unidade entre Deus e o homem, que prevalecia no Éden. Era, dessa forma, um ato de redenção, uma recriação.

**Atividade judiciária de Deus.** No Éden, Deus funcionou como juiz. Eruditos têm encontrado em Gên. 3:11-20 “um julga-

mento”,<sup>12</sup> um processo legal,<sup>13</sup> uma cena de julgamento.<sup>14</sup> Nessa cena Deus age como um promotor<sup>15</sup> investigando o crime cometido pelo casal. A história “segue passo a passo o procedimento de uma ação legal”.<sup>16</sup> Há uma descoberta (8-10), um interrogatório e defesa (11-13) e então uma sentença (14-19).

Deus faz perguntas, investigando a natureza e a razão para o crime cometido. Temos nessa história um juízo investigativo no qual Deus está buscando e analisando evidências. A questão óbvia é se Deus já sabia do crime e, se sabia, então por que foi necessária a investigação.

Umberto Cassuto, um comentarista judeu, levantou essas questões e sugeriu que “desde que a subseqüente narrativa descreve Deus como onipotente, isso levanta o raciocínio que Ele não é pintado aqui como alguém que não sabia o que acontecia ao Seu redor”. Ele acrescenta que “o Juiz de toda a Terra chama homens para requerer deles conta sobre sua conduta”.<sup>17</sup> De acordo com outros eruditos, o propósito das perguntas era (1) estabelecer os fatos e “tornar claro ao homem e à mulher o que eles tinham feito”,<sup>18</sup> (2) permitir que “o próprio homem compreendesse seu crime”,<sup>19</sup> e (3) levar o réu a “confessar sua culpa”.<sup>20</sup>

Esse é o primeiro julgamento relatado nas Escrituras e inclui uma investigação seguida por uma sentença e sua execução. Durante a investigação, Adão e Eva foram questionados pelo Senhor, mas surpreendentemente a serpente não é questionada. É que o inimigo não é julgado da mesma forma como o casal está sendo julgado. Ele é simplesmente condenado. A sentença é pronunciada contra ele.

No santuário israelita Deus funcionou como Juiz de Seu povo e do mundo. De acordo com Deuteronômio 17:8-13, a “suprema corte” de Israel reunia-se no tabernáculo e era constituída de sacerdotes e um juiz. Deus lhes confiou autoridade judiciária.

### Plano da redenção

Deus revelou-Se no jardim não apenas como Juiz, mas também como Redentor. A morte de Adão e Eva deveria ter ocorrido imediatamente (Gên. 2:17).<sup>21</sup> A penalidade da morte não foi esgotada quando Deus disse a Adão: “porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gên 3:19). Essa morte indubitavelmente pertence à penalidade do pecado; mas



Gênesis 2:17 descreve alguma coisa além. A divina advertência não era: “naquele dia te tornarás mortal”, mas “certamente morrerás”. Mas não foi isso o que aconteceu. Sua vida foi estendida porque a graça de Deus prevaleceu.<sup>22</sup>

Essa expressão de graça é sumarizada em Gênesis 3:15 que oferece a segurança de uma nova vida. O fato de que a serpente está ali como um símbolo do mal e que sua cabeça será esmagada pelo descendente da mulher sugere que haverá uma vitória final sobre o mal e a morte. Para a comunidade cristã essa vitória torna-se uma realidade em Cristo Jesus (Rom. 16:20; Heb. 2:14; Apoc. 12). A morte de Adão e Eva não aconteceu no Éden porque Cristo é o “cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apoc. 13:8).

Gênesis 3:21 poderia também estar apontando, como ilustração, a esta promessa de salvação: “Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.” Nudez e vestimenta são temas importantes nas narrativas da criação e da queda. Antes da queda, a nudez era uma condição natural de Adão e Eva (Gên. 2:21). Eles estavam livres para se aproximarem de Deus, interagir um com o outro e repousar da criação sem ter que usar roupas. Depois da queda, a nudez tornou-se anormal, aparecendo como um símbolo da alienação de Deus. Os seres criados já não podiam se aproximar de Deus como foram criados, porque sua natureza foi alterada através da rebelião. Uma metamorfose foi requerida, e isso foi simbolizado pelo ato de vesti-los.

Deus rejeitou a solução de Adão e Eva para a sua nudez, isto é, roupas de folhas, e os vestiu com peles de animais. Deus tornou possível a reaproximação (Êxo. 28:42 e 43). Vestir alguém sinaliza na Bíblia a concessão de um novo status (Gên. 41:42; Êxo. 28:40 e 41; Lev. 8:7 e 13; Núm. 20:26).<sup>23</sup>

O ato de investidura ergueu Adão e Eva de um estado de alienação para o de pessoas que interagem com Deus. Ele estava restaurando neles algo da dignidade perdida.<sup>24</sup> Obviamente a interação não é como antes, mas aponta a um tempo futuro quando ela será completamente restaurada.

Ao dizer que Adão e Eva foram vestidos com peles de animais, o texto implicitamente estabelece que pelo menos um animal foi morto. O fato de que isso não seja claramente posto, não diminui seu significado. A narrativa bíblica pa-

rece estar “antecipando a noção de sacrifício na morte de animais”.<sup>25</sup>

Quando colocamos Gênesis 3:21 em seu contexto teológico a morte implícita de animais torna-se assim um ato sacrificial. Primeiro, Adão e Eva deveriam experimentar a última morte (Gên. 2:17). Surpreendentemente, sua vida foi preservada. Mas é precisamente nesse contexto de ameaça à vida que a morte de um animal tem lugar. A penalidade da morte não é executada sobre eles, mas sobre um animal.

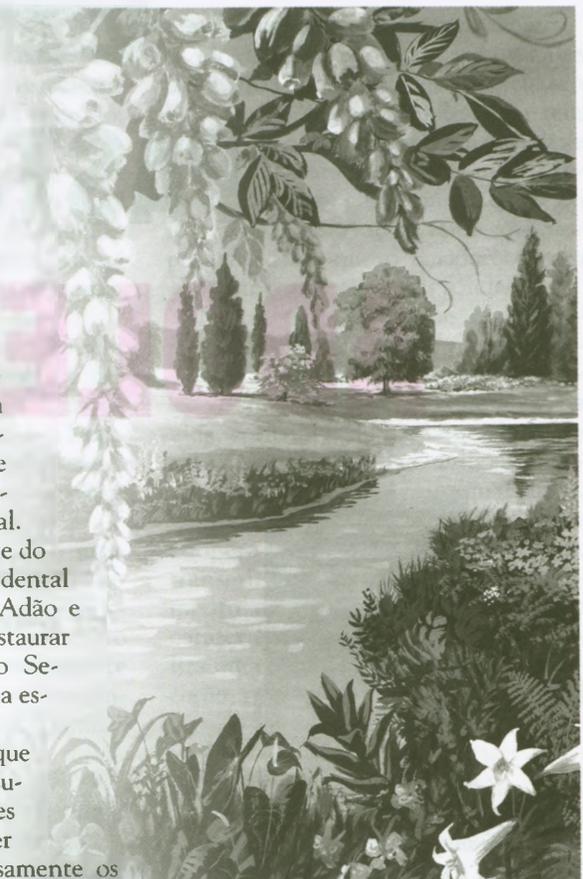
Em segundo lugar, a morte do animal não é um detalhe acidental na narrativa; provê o que Adão e Eva necessitavam para restaurar seu relacionamento com o Senhor. Além da morte haveria esperança para eles.

Finalmente, o fato de que Deus fez roupas e os vestiu sugere que o Senhor fez por eles o que eles não podiam fazer por si mesmos. Ele graciosamente os habilitou a se aproximarem dEle. Esses conceitos pertencem à teologia do santuário e seus serviços no Antigo Testamento. Na verdade, o que é embrionário ou está escondido em Gênesis 3 torna-se um corpo completo de idéias teológicas no sistema sacrificial israelita.

## Sumário

A narrativa do Éden provê alguns dos mais importantes elementos de uma teologia do santuário e seus serviços no sistema de culto israelita. As ligações lingüísticas bem como o uso de imagens similares apontam a clara conexão entre as duas coisas. Essa conexão é ainda mais forte no âmbito teológico.

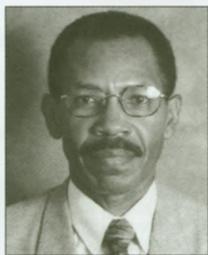
O jardim do Éden e o santuário são o centro da vida porque o Senhor está presente nos dois. Eles são lugares onde Deus e o homem podem estar juntos em amizade. Nos dois lugares Deus julga o pecado do Seu povo e lhe promete redenção. Na realidade, o Senhor prefigura a natureza dessa salvação providenciando-a simbolicamente através da morte sacrificial de uma vítima. O santuário israelita parece ter apontado para a original harmonia entre Deus e os seres humanos, bem como para sua restauração futura.



## Referências:

- <sup>1</sup> Gordon J. Wenham, “Sanctuary Symbolism in the Garden of Eden”, *Proceedings of the World Congress of Jewish Studies* (1981), pág. 9.
- <sup>2</sup> Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis: Genesis 1-6* (Jerusalém: Magnes Press, 1961), pág. 174.
- <sup>3</sup> David Chilton, *Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion* (Tyler, Texas: Reconstruction Press, 1985), pág. 29.
- <sup>4</sup> Levenson, *Sinai & Zion: An Entry into the Jewish Bible* (Minneapolis: Winston Press, 1985), pág. 132.
- <sup>5</sup> Carol Meyers, “Lampstand”, in *Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, David Noel Freedman, ed. (Nova York: Doubleday, 1992), pág. 142.
- <sup>6</sup> Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis Chapters 1-17* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), pág. 210.
- <sup>7</sup> Gordon J. Wenham, *Op. Cit.*, pág. 21.
- <sup>8</sup> Idem, *Genesis*, pág. 86.
- <sup>9</sup> Idem, *Sanctuary Symbolism*, pág. 20.
- <sup>10</sup> Howard N. Wallace, *Eden Narrative*, págs. 70-85.
- <sup>11</sup> Leland Ryken, James C. Wilton e Tremper Longman, eds., in *Dictionary of Biblical Imagery* (Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1998), págs. 225 e 226.
- <sup>12</sup> Gerhard Von Rad, *Genesis* (Philadelphia: Westminster, 1972), pág. 91.
- <sup>13</sup> Claus Westermann, *Genesis 1-11: A Commentary* (Minneapolis: Augsburg, 1984), pág. 252.
- <sup>14</sup> John H. Sailhamer, *Genesis in The Expositors's Bible Commentary*, vol. 2 (Grand Rapids: Zondervan, 1990), pág. 52.
- <sup>15</sup> Victor P. Hamilton, *Op. Cit.*, pág. 194.
- <sup>16</sup> Claus Westermann, *Op. Cit.*, pág. 252.
- <sup>17</sup> Umberto Cassuto, *Op. Cit.*, pág. 155.
- <sup>18</sup> Claus Westermann, *Op. Cit.*, págs. 254 e 255.
- <sup>19</sup> Victor P. Hamilton, *Op. Cit.*, pág. 194.
- <sup>20</sup> Gordon J. Wenham, *Genesis 1-5*, pág. 77.
- <sup>21</sup> Idem, pág. 68.
- <sup>22</sup> Gerhard Von Rad, *Op. Cit.*, pág. 95.
- <sup>23</sup> Robert Oden, *The Bible Without Theology: The Theological Tradition and Alternatives to It* (San Francisco: Harper and Row, 1987), págs. 100 e 101.
- <sup>24</sup> J. Gamberoni, “Labesh” in *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 7 (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), págs. 462 e 35.
- <sup>25</sup> John Sailhamer, *Op. Cit.*, pág. 58.

# PASTOREANDO ADOLESCENTES



Divulgação

## VICTOR DE PÁDUA

Pastor em Franca, São Paulo,  
na Associação Paulista Oeste

**H**avia chegado a última noite do acampamento. Os jovens se preparavam para o descanso. Sentado junto à fogueira quase se apagando, o pastor pensava no haveria de significar aquele final de semana para os jovens acampantes, foi surpreendido pela presença de um rapaz.

“Quero falar-lhe”, disse o moço. O pastor indicou-lhe uma cadeira, o rapaz tentou falar, mas não conseguiu. A voz falhou, ele abaixou a vista e começou a chorar. Tinha 17 anos e muita vitalidade. Fora um dos jovens mais dinâmicos daquele acampamento. O pastor colocou a mão sobre o seu ombro e esperou até que ele se acalmasse.

Depois de alguns minutos, o jovem conseguiu contar sua história de lutas contra o pecado e alguns vícios, embora tivesse nascido e crescido em um lar cristão. E o pastor percebeu que ele precisava da ajuda de Deus e do apoio de um conselheiro, dispondo-se a cumprir mais diligentemente esse papel.

Pesa sobre o pastor a grande responsabilidade de conhecer os jovens, principalmente na adolescência. Essa é uma fase da vida em que os jovens têm

## *É necessário que o pastor conheça os segredos da adolescência*

mais problemas, devido às transformações que ocorrem em seu desenvolvimento. Há necessidade de tempo para que o pastor vá conhecendo o verdadeiro comportamento deles. É preciso conviver com eles e, nessa convivência, conquistar-lhes a confiança para manutenção de um diálogo franco e uma amizade que muito os ajudará na resolução dos seus problemas.

Os jovens gostam de diálogo e estão sempre prontos a abrir o coração cheio de dúvidas e temores para uma conversa franca e sincera. Portanto, é grandemente necessário que o líder que trabalha com jovens conheça bem os segredos da adolescência.

### **Adolescência**

Segundo os dicionários, a adolescência significa “crescer para”, ou crescer em direção à maturidade ainda não alcançada. Essa é uma fase intermediária na vida, e aqui onde reside o problema. O adolescente não é aceito como criança e também não é aceito como adulto. Daí sentir-se, às vezes, marginalizado pela sociedade. Nesse contexto surgem a revolta, os problemas, o apego aos vícios e a delinquência, atitudes consideradas uma forma de escapismo.

Um jovem está certo de que desenvolveu e ultrapassou o seu passado infantil enquanto, ao mesmo tempo, sus-

peita que não chegou ao seu estado futuro de varonilidade e feminilidade. Por mais que relute em admiti-lo, ainda não é tudo e, para sua tristeza, sabe disso. Entretanto, não há época mais decisiva na vida do que a adolescência, onde o indivíduo se coloca no limiar de muitas oportunidades.

Durante a infância, a criança não está preocupada com qualquer problema; afinal, seu objetivo se prende somente aos brinquedos e ao crescimento. O desenvolvimento infantil deve se prender mais à formação de alicerces que serão a base para toda a vida, tais como saúde, ajustamento social, capacidade mental, ideais religiosos, entre outros itens. Esse desenvolvimento é feito passo a passo, de tal maneira que ela não se preocupa consigo mesma.

Na puberdade, as transformações fisiológicas são muito significativas. O amadurecimento dos órgãos e glândulas, mudanças na voz, etc., tudo indica que o jovem está entrando em um novo ciclo de vida. Certos hábitos e costumes se modificam, embora o adolescente não perca sua identidade. Essas transformações renovam quase todos os aspectos da personalidade.

A adolescência é a idade por excelência em que as vias reais da existência se abrem diante dos jovens. Mas esse período maravilhoso que a criança de-



# AUTORIDADE

## ABSOLUTA OU RELATIVA?



**ROBERTO PEREYRA**

*Ph.D., professor de Teologia Histórica no Seminário de Teologia da Universidade Adventista del Plata, Argentina*

**A** Igreja Adventista do Sétimo Dia tem a Escritura Sagrada em grande estima. É a Palavra de Deus escrita e constitui seu único credo. É a revelação infalível da vontade divina; é norma do caráter, critério para avaliar a experiência; é a revelação autorizada de suas doutrinas.

Os adventistas aceitam as Escrituras como “autorizada e infalível revelação” da vontade de Deus.<sup>1</sup> Consideram-na autoridade suprema. A “regra infalível pela qual todas as opiniões, doutrinas e teorias devem ser provadas.”<sup>2</sup> É a Palavra do Deus infinito, o fim de toda controvérsia e o fundamento de toda fé.

Assim, a idéia de que a Escritura está dotada de autoridade absoluta, é revelação infalível da vontade de Deus pela qual devem ser provadas as opiniões, doutrinas e teorias, suscita entre os adventistas a complexa questão da autoridade das Escrituras *versus* a autoridade da Igreja organizada. É a autoridade da Escritura de natureza absoluta e a autoridade da Igreja essencialmente relativa? Como se relaciona a autoridade da Escritura com a autoridade da

*Os procedimentos eclesiásticos são normativos e autoritativos na medida em que estejam de acordo com a Palavra de Deus nas Escrituras*

igreja e vice-versa? Para que o princípio de *sola scriptura* seja válido, deve a autoridade da Igreja organizada sujeitar-se à autoridade da Escritura? É a autoridade da Igreja superior, inferior ou equivalente à autoridade da Escritura? Em questão de autoridade, o que vem primeiro: a Igreja ou a Escritura?

Obviamente, é impossível desenvolver respostas a todas essas perguntas neste artigo, cujo propósito é definir a natureza da autoridade da Escritura e a natureza da autoridade da Igreja, e apontar a relação mútua entre ambas.

### Definição de termos

Ainda que o vocábulo autoridade tenha um significado muito amplo, no contexto deste estudo refere-se ao poder ou à faculdade que uma pessoa, um organismo ou instituição exerce sobre outra no âmbito de convicções ou conduta. Não alude, implica ou significa o sistema de governo eclesiástico. A expressão Escritura faz referência à Palavra de Deus escrita, o Antigo e o Novo Testamento. O termo igreja designa a comunidade messiânica convocada por Deus em Cristo Jesus, através do Espírito Santo, por meio da proclamação de Sua Palavra.<sup>3</sup>

A frase Igreja organizada denomina a comunidade convocada por Deus e que se congrega sobre a base de um sistema estruturado de administração, go-

verno e disciplina. Por autoridade absoluta entende-se que a autoridade da Escritura não se condiciona, limita ou depende de certos fatos ou circunstâncias. Sua autoridade é inquestionável. Por autoridade essencialmente relativa entenderemos significar que a autoridade da Igreja se condiciona, limita ou depende de certos fatos ou circunstâncias. Sua autoridade pode ser questionável.

### Autoridade da Escritura

Quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia confessa que a Escritura é a Palavra de Deus escrita e constitui seu único credo; a regra infalível pela qual devem ser provadas toda opinião, doutrina e teoria; o fim de toda controvérsia e o fundamento de toda fé, implica que a Escritura tem autoridade normativa e suprema entre os adventistas. Para estes, a Escritura é a única fonte de toda doutrina (fé) e prática (moral). Crêem e aceitam que a autoridade da Escritura é inquestionável. Sua autoridade é final.

Os adventistas constroem sua convicção sobre a base do que a própria Escritura revela e ensina acerca de Deus, o Criador, Originador, Sustentador, Redentor, único Deus transcendente e pessoal. Sendo o soberano da criação, não apenas revelou nas Escrituras o relato autêntico de Sua atividade criadora, mas também “o profundo e o escondido”, os “mistérios” (Dan. 2:22 e 47).

Revelação que é possível através da Palavra de Jeová (I Sam. 3:21) aos profetas e apóstolos, que a comunicaram a Seu povo com autoridade que não lhes era própria, mas derivada do Espírito Santo de Deus.

Quando os “homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (II Ped. 1:21) e registraram por escrito o conteúdo recebido, deu-se origem a um depósito, alguma coisa concreta, que no Novo Testamento se interpreta como conhecimento (II Cor. 4:6); ensino (Heb. 2:42); instrução (Rom. 15:4); Palavra de Deus (João 17:4); palavra da verdade (Efés. 1:13),<sup>4</sup> a palavra histórica, normativa, final e inquestionável de Deus. Assim “o texto *in toto* é o resultado da revelação divina na história, revelação que foi historicamente recebida, entendida e composta pelos profetas e apóstolos”.<sup>5</sup>

A Palavra de Deus escrita revela todo o necessário para a fé e a prática no processo da salvação. Isso sugere que a Escritura encerra um significado definido, prático e objetivo que é igual a todos os crentes. Os adventistas entendem e aceitam a expressão tradicional protestante *sola scriptura* como significando que unicamente a Escritura, nada mais que a Escritura, é autoridade final para fé e prática.

Diz Ellen White: “Em Sua Palavra, Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autoridade e infalível revelação de Sua vontade. Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa. ... Explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos.”<sup>6</sup>

Em síntese, é a autoridade da Escritura de natureza absoluta para os adventistas? Certamente sim. A Escritura é histórica, normativamente autoritativa e inquestionável por ser a revelação e, sobretudo, a Palavra de Deus. O Deus que Se revela através da Escritura, Senhor e soberano da criação e da História, tem direito a exercer Sua autoridade suprema e soberana sobre a humanidade e a Igreja.<sup>7</sup> Porém, que dizer da autoridade da Igreja organizada?

### **Autoridade da Igreja organizada**

Da evidência neotestamentária destacam-se vários fatos que importam à definição da autoridade da Igreja. Pri-

meiro, como Criador, Originador, Sustentador, Revelador, Redentor, Senhor todo-poderoso e Rei, em Sua expressão trinitária, Deus é a fonte e o fundamento da autoridade da Igreja, porque Ele é quem a chama à existência.

Em I Tess. 1:1, Paulo define a reunião ou assembléia de cristãos não somente por uma referência geográfica, mas também teológica, ao conectar o substantivo *ekléisia* à frase preposicional “em Deus Pai”, considerada “uma expressão não usual nos escritos paulinos”.<sup>8</sup> Presumivelmente, para os habitantes de Tessalônica, o vocábulo *ekléisia* pode ter tido os significados e conotações habituais dos círculos gregos, “mais uma assembléia dos tessalonicenses”.

Aparentemente Paulo quer enfatizar a seus leitores em Tessalônica que esta

*Unicamente a  
Escritura, nada  
mais que a Escritura,  
é a autoridade  
final para fé  
e prática.*

assembléia é diferente. Ele parece ver a igreja em Tessalônica surgindo no contexto da história salvífica graças à iniciativa particular e ação de Deus. De acordo com I Tessalonicenses, Paulo infere que os crentes tessalônicos foram trazidos à existência por Deus (estão em “Deus Pai”) porque Ele os amou (I Tess. 1:4), os escolheu (I Tess. 1:4), os estabeleceu (I Tess. 5:9) e os chamou (I Tess. 2:12; 4:7; 5:23 e 24) à santificação.

A expressão “a palavra”, em I Tess. 1:6, introduz um conceito essencial que é determinante na declaração de Paulo concernente a seus ensinamentos sobre a Igreja cristã. Com essa expressão, Paulo define o termo cristão “evangelho” de I Tess. 1:5. Da mesma forma, com a declaração “Palavra de Deus”, em I Tess. 2:13, o apóstolo espe-

cifica e explica a frase “o evangelho de Deus”, de I Tess. 2:2, 8 e 9.

Paulo baseia seu conceito da escolha e o chamado dos tessalonicenses no fato de que o evangelho, a Palavra de Deus, chegou aos de Tessalônica não somente “em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo” (I Tess. 1:5). Nas palavras de Frame, “a prova da escolha é a presença do Espírito não só no pregador, mas também nos ouvintes que receberam a palavra com gozo em meio a grande perseguição”.<sup>9</sup> Depois de haverem “recebido a palavra... em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo”, os ouvintes tessalonicenses chegaram a ser “imitadores” de Paulo, Silas, Timóteo “e do Senhor” (I Tess. 1:6). Receberam a palavra e a acolheram “não como palavra de homens, e, sim como, em verdade é, a Palavra de Deus, a qual, com efeito” opera em todos os crentes (I Tess. 2:13).

É realmente significativa a ordem dos eventos no processo da constituição da *ekléisia* dos tessalonicenses em Deus Pai. A expressão “tendo recebido”, em I Tess. 1:6, indica um tempo anterior ao tempo do verbo principal da frase, “vos tornastes”. Portanto, ninguém de Tessalônica chegou a ser imitador de Paulo, Silas, Timóteo e do Senhor até que primeiramente tivesse a oportunidade de ouvir, receber e aceitar a Palavra de Deus. Quando os tessalonicenses começaram a escutar Paulo, Silas e Timóteo, não eram ainda a *ekléisia* dos tessalonicenses em Deus Pai. Eram somente *ekléisia* no sentido grego secular; mais uma *ekléisia* em Tessalônica. Mas quando, pelo poder e evidência do Espírito Santo, essa *ekléisia* secular recebeu a Palavra de Deus, então chegou a ser imitadora de outros cristãos, foi constituída em Deus Pai e veio à existência.

Assim, o ponto principal é que os crentes receberam a Palavra de Deus, que chamou e reuniu a *ekléisia* dos tessalonicenses através da proclamação de Sua palavra tal como aconteceu em Jerusalém (Atos 2:40-42; 6:7). A primeira carta aos tessalonicenses contém um elemento adicional e muito mais significativo quanto ao modo como Deus tornou realidade a conformação eclesial dos cristãos em Tessalônica: foi em virtude da proclamação da Palavra de Deus que a *ekléisia* dos tessalonicenses foi constituída por Deus Pai que a tornou Sua em Jesus Cristo (I Tess. 1:1).

Embora a expressão *logos* (palavra) aparentemente possua antecedentes veterotestamentários em seu emprego para referir-se ao poder de Deus, evangelho é uma expressão originada e preferida por Paulo. Esse vocábulo abarca um conceito específico, o fato de Jesus como o Senhor e Messias, o Cristo.<sup>10</sup> Na teologia paulina, o “evangelho de Cristo” (I Tess. 3:2) é o evangelho de Deus, “prometido por intermédio dos Seus profetas nas Sagradas Escrituras, com respeito a Seu Filho, o qual, ... veio da descendência de Davi” (Rom. 1:2 e 3).

Do relato de Lucas, em Atos 17:1-10, sabe-se que Paulo argumentou em Tessalônica desde as Escrituras, explicando e expondo dois pontos essenciais. Primeiro, apresentou à sua audiência as incríveis realidades relativas ao Messias prometido. Foi “necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos” (Atos 17:3). Segundo, reconhecendo os sinais e características especiais do Messias bíblico, Paulo o associou a Jesus. Para o apóstolo, Jesus “é o Cristo”. O significado da mensagem é clara e precisa: Jesus é o Messias que padeceu e ressurgiu dos mortos.

Segundo Lucas, então, o conteúdo da mensagem de Paulo em Tessalônica pode ter sido a paixão, morte e ressurreição de Jesus, tema típico da pregação primitiva. A essência dessa proclamação foi extraída das Escrituras, ou seja, de passagens bíblicas selecionadas com as quais Paulo demonstrou que “os fatos históricos cumpridos no ministério, morte e exaltação de Jesus” foram um claro cumprimento das profecias.<sup>11</sup> Ainda que tais profecias não sejam mencionadas neste resumo do evangelismo de Paulo, a história completa de Jesus foi apresentada à luz das profecias messiânicas.<sup>12</sup>

A ênfase de Paulo em seu processo evangelizador pode ter sido muito estranho a seus ouvintes judeus, já que envolvia considerável tensão entre Jesus Cristo e a figura messiânica tradicional sustentada pela exegese judaica. Para um auditório hebreu, a confissão “o Messias morreu por nós” deve ter sido uma “novidade sem precedentes”, “um escândalo que contradizia a prevalente expectativa messiânica popular”.<sup>13</sup> No entanto, Paulo se submetia à Palavra de Deus na Escritura. Tal palavra lhe era revelação normativa e autoritativa em sua missão evangelizadora.

Como resultado dessa apresentação, a mensagem do evangelho teve grande

impacto sobre os ouvintes judeus e gentios. Alguns deles creram e se juntaram a Paulo e Silas, e grande número de gregos piedosos (Atos 17:4). Os que foram persuadidos a crer pela evidência bíblica apresentada por Paulo e receberam a Palavra constituíram-se o núcleo original da igreja dos tessalonicenses, não só em Deus Pai, mas também no Senhor Jesus Cristo, o Messias.

Do que foi dito até aqui, Paulo aparentemente via a igreja cristã em Tessalônica como sendo originada e constituída por Deus através da proclamação de Sua Palavra normativa e congregada em Cristo, o Messias revelado na Palavra de Deus.

O segundo fato da evidência neotestamentária que importa à definição da autoridade da Igreja é que esta possui e exerce autoridade em virtude de ser o corpo de Cristo, da qual Ele é a “cabe-

*Sem palavra  
constituente, e sem  
cabeça governante,  
a autoridade da Igreja  
não seria normativa.*

ça” (Efé. 1:22; 4:15 e 16; 5:23; Col. 1:18; 2:19). Tal autoridade eclesiástica é derivada do poder de nosso Senhor Jesus Cristo (I Cor. 5:4) que está presente onde os crentes estão congregados em Seu nome. Cristo como cabeça e Senhor da Igreja ocupa nela o lugar de preeminência (Col. 1:28). Como base ou fonte de direção e inteligência, dirige-a em todos os seus planos e atividades, coordenando todas as suas partes e provendo sabedoria e vitalidade a cada membro do corpo, a fim de que todos trabalhem juntos de maneira efetiva (Efés. 4:15 e 16; Col. 2:19).

### **Autoridade derivada**

Em suma, a Igreja recebe sua autoridade da Escritura que é a palavra escrita e proclamada que lhe dá origem. Sua autoridade também vem de Cris-

to, que é a Palavra encarnada, Cabeça, que a dirige e governa. Mas o que aconteceria com a autoridade da Igreja se ela não se colocasse sob a autoridade da Palavra de Deus na Escritura, ou se não se submetesse à autoridade de Cristo? Sem palavra constituinte e sem cabeça governante, a autoridade da Igreja não seria normativa e seria questionada.

Podemos sugerir que a autoridade da Igreja depende da sua fidelidade à Palavra de Deus na Escritura. Seus pronunciamentos, declarações, acordos, conselho, testemunho, prática e missão serão normativos e autoritativos em virtude de sua obediência à revelação autoritativa da Palavra de Deus na Escritura.

A Igreja não é uma instituição que proporciona seus próprios fins. Não é um organismo que esboça linhas ideais do que deve ser segundo a Palavra de Deus na Escritura, em tensão com o que quer ser sobre a base de suas confissões estatutárias e regulamentares.

A Igreja organizada só pode ter autoridade equiparável à da Escritura na medida em que lhe seja obediente. Ela possui verdadeira autoridade enquanto seus ensinamentos e mensagem sejam extraídos da Palavra de Deus. Portanto, a autoridade da Igreja organizada não é igual nem está por cima da autoridade da Escritura. A autoridade da Igreja organizada deveria estar sujeita à autoridade da Escritura. 

#### **Referências:**

- 1 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 7.
- 2 *Idem*, pág. 452.
- 3 R. Pereyra, *Ekklesia em el Contexto de l Tessalonicenses: Um Estudio Acerca de la Naturaleza de la Iglesia*, Enfoques 11.1-2 (1999), págs. 61-68.
- 4 Raoul Dederen, *The Revelation-Inspiration Phenomenon According to the Bible Writers*, pág. 18.
- 5 F. Canale, *Revelation and Inspiration* (Monografia não publicada, apresentada para o Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD, abril de 2000), pág. 43.
- 6 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 7.
- 7 Raoul Dederen, *The Church: Authority and Unity* (On line: [www.biblicalresearch.gc.adventist.org/documents/churchauthority.htm](http://www.biblicalresearch.gc.adventist.org/documents/churchauthority.htm))
- 8 W. Neil, *The Epistle of Paul to the Thessalonians* (Nova York: Harper, 1950), pág. 4.
- 9 J. E. Frame, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians* (ICC; Nova York: Charles Scribner's Son, 1912), pág. 82.
- 10 S. Kim, *The Original of Paul's Gospel* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1984); P. Stuhlmacher, ed., *The Gospel and the Gospels* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), págs. 149-172.
- 11 M. Serwick e M. Grosvenor, *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament: Gospel Acts* (Roma: Instituto Bíblico Pontifício), vol. 1, pág. 407.
- 12 R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Minneapolis: Augsburg, 1961), pág. 692.
- 13 M. Hengel, *The Atonement: A Study of the Origins of the doctrine in the New Testament* (Londres: SCM, 1981), págs. 17-89.

# VIVENDO A MENSAGEM



**JAN PAULSEN**

*Ph.D., presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia*

O impacto de Paulo sobre nossas doutrinas e crenças não pode ser tido como exagerado. O que mais me impressiona em seus escritos é que Paulo nunca está satisfeito com apenas estabelecer pontos doutrinários ou aclarar questões teológicas. Sua preocupação última é a vida que deve ser vivida, pois é na vida diária que a fé realmente é exposta.

A doutrina da vida após a morte, por exemplo, é uma promessa maravilhosa, mas a vida antes da morte é seguramente o dom de Deus para todas as pessoas. Nós vivemos, planejamos, pensamos, dizemos e fazemos coisas, tocamos em outros seres vivos. Há gosto e sabores, pensamentos e ações, sons e sentimentos. Isso é vida. O objetivo da vida não é apenas saber, mas vivê-la. Dessa forma, a questão realmente importante é: Como nosso conhecimento e compreensão do que cremos causam impacto na vida que vivemos?

Doutrina, em um sentido, é o servo da vida. Como adventistas do sétimo dia, lemos a Bíblia diligentemente, a estudamos e sabemos muito a seu respeito. Isso é importante. Deus nos tem confiado uma compreensão muito especial da verdade bíblica, e nos enviou a partilhar isso com o mundo. Mas necessitamos nos perguntar: Como nosso conhecimento causa impacto em nossa vida?

*Conhecer a verdade bíblica é importante. Mas necessitamos revelar como esse conhecimento causa impacto em nossa vida*

Na parábola de Cristo sobre o bom samaritano, tanto o sacerdote como o levita poderiam ter ensinado a verdade de que, como seres humanos, deveríamos ajudar significativamente aos necessitados. Mas unicamente o samaritano parou para ajudar, viver a verdade. Ele sabia que isso é o que importa.

## Saber e viver

Pedro, com um olho no fim do mundo, escreveu: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus...” (II Ped. 3:11 e 12). E acrescenta: “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por Ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (v. 14). Portanto, o que nós sabemos e cremos é significativo para modelar a vida que vivemos. Não é suficiente apenas conhecer.

Há momentos quando necessitamos parar e aclarar certas incertezas teológicas que tentam ganhar vulto em nossas fileiras. Há ocasiões quando necessitamos falar francamente e estar seguros de que estamos conduzindo com segurança a tarefa que Deus nos confiou. Sim, necessitamos fazer isso, mas deveríamos fazê-lo com um propósito: nossa vida pessoal; nossos relacionamentos com o Senhor e com as pessoas, e nossa fidelidade à missão que nos foi entregue por Deus. Necessitamos estar seguros de encontrar significado na vida que vivemos.

A teologia por si só não é tudo. Tornar-se um recluso teólogo bem informado não é o mais elevado objetivo pelo qual viver. Ao contrário, o que verdadeiramente importa é ter feito alguma coisa e ter-se tornado alguém útil para Deus, Sua missão e Seu povo. Deus necessita de indivíduos que sejam sensíveis à Sua vontade, atentos às lutas e necessidades dos outros, indivíduos cujo foco esteja sobre Cristo e a qualidade de vida que Ele deseja que tenhamos. Deus está procurando pessoas que possam testemunhar dEle, oferecendo algo mais que fatos e dados, em um mundo descrente.

Cada um de nós deve se perguntar: O que está acontecendo comigo, como pessoa? Que tipo de vida estou vivendo? Em que estou me tornando? Os eventos finais nos surpreenderão pela velocidade em que acontecerão. De modo que a pergunta permanece: O que está acontecendo conosco hoje?

Numerosas passagens das Escrituras ilustram o fato de que devemos viver segundo o que conhecemos e cremos. Vamos considerar três delas.

## Vida de humildade

A primeira é o texto de Filipenses 2:6: “Pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus.” Através de uma escolha única de palavras, Paulo comenta o processo pelo qual Jesus tornou-Se homem – um ato que realmente é um mistério. Cristo esvaziou-Se de uma

forma, a forma de Deus, e tomou outra forma, a de um ser humano. A partir dessa passagem têm surgido muitas teorias sobre o auto-esvaziamento de Cristo. Muito se tem escrito sobre esse assunto, mas ele ainda permanece um mistério para a nossa limitada compreensão humana. Exatamente do que Ele Se esvaziou? Fez isso pela eternidade? Tornou a assumir aquilo de que Se esvaziou, quando ascendeu? Quais os riscos envolvidos em Sua atitude? O povo de Deus terá uma eternidade para esclarecer essas questões intrigantes.

Mas seria a exploração de tais perguntas a principal preocupação de Paulo? Certamente não. Paulo diz que Cristo, que possuía um *status* infinitamente mais elevado que qualquer ser criado, não teve que sair defendendo e demonstrando Sua igualdade com o Pai. Isso era uma coisa a respeito de que Ele estava seguro, e não necessitava sair por aí demonstrando Sua grandeza. Nós, pelo contrário, algumas vezes ficamos entufados, talvez refletindo nossa própria insegurança mais que qualquer outra coisa.

O assunto de Paulo é o que Cristo, que era igual a Deus' o Pai, tornou-Se quando veio a este mundo. Paulo está preocupado com a maneira como Jesus viveu entre nós. E Ele escolheu tomar a forma humana. Escolheu a obscuridade de um servo porque essa era a maneira como Ele poderia melhor ajudar a humanidade caída. Ele quis transmitir esperança aos seres caídos. Quis dar a você e a mim um futuro, e sabia que não havia outra forma de fazê-lo, a não ser tornando-Se um servo. E ao fazer isso, nos deu um modelo do significado da vida cristã.

Assim, os versos três a cinco tornam claro que o assunto real é a humildade oposta ao orgulho e busca de auto-afirmação. A passagem não trata primariamente sobre a natureza de Cristo nem o que Ele fez ou não fez quando deixou o Céu e veio à Terra. Ao invés disso, ela trata de honrar, em lugar de buscar honra; dar, em lugar de receber. Essa passagem é uma ilustração de como devemos viver. Esse tipo de humildade leva à nos abrir diante de Deus, e ao ponto de nos aceitarmos mutuamente. Esta é uma atitude cristã: aceitarmos-nos uns aos outros assim como Cristo nos aceitou.

Em Romanos 15:2 e 3, Paulo diz: "Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não Se agradou

a Si mesmo..." O apóstolo está dizendo alguma coisa muito crítica a respeito de nosso estilo de vida, a maneira como gastamos o tempo, talentos e interesses. Isso aponta para algo que é fundamental para a qualidade de vida que devemos viver. Devemos ter interesse na vida de nossos irmãos viajores nesta jornada, partilhar suas alegrias e tristezas, e carregar seus fardos. Esse é o intento de Deus para a nossa vida.

Para algumas pessoas isso não é fácil. Alguns são mais tendentes à privacidade do que outros. Para eles representa muito esforço envolver-se na vida de alguém, mas essa é a maneira de Deus. Para mim é fácil aceitar aqueles que se parecem comigo. Mas quando eles olham diferente, falam diferente, freqüentam uma outra igreja, comem e bebem diferente de mim, a distância resultante torna-se difícil de negociar. As pessoas tendem a nutrir distância entre si, em lugar de buscar maneiras de serem mutuamente úteis. Superar essa distância não é fácil. Todavia a injunção é aceitar um ao outro como seres humanos genuínos, de grande valor diante de Deus. Depois de tudo, Cristo deu a vida pela humanidade e atribui valor inestimável a cada pessoa.

Aceitação não significa que nós aceitaremos os erros de conduta, valores, fé e crenças de uma pessoa. Significa que demonstraremos compaixão e cuidado por elas, como seres humanos que também são amados por Deus, enquanto lhes ajudamos a ver e superar seus erros.

Por Sua encarnação e morte, Cristo declarou valiosas todas as pessoas. "Este é o mistério que os anjos desejam perscrutar. Eles desejam saber como Cristo poderia viver e trabalhar em um mundo caído, como Ele poderia mesclar-Se com a humanidade caída. Para eles é um mistério que Aquele que odiou o pecado tão intensamente, ao mesmo tempo sentisse a mais terna, compassiva simpatia, por seres que cometeram pecado."<sup>11</sup>

Esse é o tipo de humildade na qual Cristo deseja introduzir-nos. A humildade torna uma pessoa sem arrogância. Torna-a mais humana, mais gentil e mais agradável. E é essa humildade que Cristo buscou comunicar e viver quando tomou a forma humana.

### Vida sem julgamento

A segunda passagem que desejo considerar é Colossenses 2:16-19. Essa passagem, familiar aos adventistas, fala

sobre sábados, luas novas e sombras. Muito freqüentemente é com esses assuntos em mente que nós e outros cristãos nos referimos a esse texto. Mas seria essa a principal preocupação de Paulo ao escrever essas palavras?

Certa vez eu conversava com um pastor de outra denominação sobre nossas crenças. Em dado momento ele trouxe à tona essa passagem e disse que a observância do sábado não é muito significativa para a vida de um cristão e que ninguém deveria ser julgado por isso. Concordamos que não devemos julgar ninguém. Essa tarefa pertence ao Senhor e Ele a desempenhará com justiça. A primeira preocupação de Paulo nessa passagem é a questão de um crente julgar o outro; não questões doutrinárias como observância de sábados, festas religiosas e luas novas. A poderosa injunção de Cristo foi clara: "Não julgueis, para que não sejais julgados" (Mat. 7:1). Essa é a ênfase da passagem.

A mensagem de Colossenses 2 é contra o julgamento entre irmãos de fé. Paulo, em suas jornadas missionárias, era constantemente incomodado por indivíduos que iam por onde ele passava, impondo coisas que não eram requeridas pelo evangelho, e castigavam quem não aceitasse sua maneira de ver as coisas. Hoje também há indivíduos que gastam enorme quantidade de tempo, energia e dinheiro fazendo imposições espirituais a seus seguidores. A eles eu aplico esta citação: "Muitas vezes consideramos casos perdidos justamente aqueles que Cristo está atraindo a Si. Se devêssemos proceder com essas pessoas segundo nosso parecer imperfeito, extinguir-se-ia talvez sua última esperança. Muitos que se julgam cristãos serão finalmente achados em falta. Haverá muitos no Céu, os quais seus vizinhos supunham que lá não entrariam. O homem julga segundo a aparência; mas Deus vê o coração."<sup>12</sup>

Julgar a aparência é uma atitude estranha à mente de Cristo. Gastar tempo julgando espiritualmente alguém nesse contexto é destrutivo para o relacionamento entre irmãos de fé. É prejudicial para a pessoa e, finalmente, desonroso para Deus.

Portanto, diz Paulo, " revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos um aos outros, perdoai-vos mutua-

mente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós” (Col. 3:12 e 13). Novamente, a ênfase essencial desse texto é como nós vivemos; como vemos as pessoas e as tratamos. É uma importante e poderosa descrição da qualidade de vida que deve permear a comunidade eclesial à qual pertencemos. Nós seremos mais fortes dessa maneira.

### Vida piedosa

Finalmente temos a passagem de II Pedro 3 onde o apóstolo liga nossa vida à segunda vinda de Cristo, e onde esse acontecimento é descrito e proclamado como um fato absoluto. Enquanto o retorno de Jesus é lúcida e poderosamente

proclamado, a ênfase das palavras de Pedro repousa também no impacto que o conhecimento dessa realidade exerce na maneira como o crente vive.

Na Igreja primitiva, a crença do retorno de Cristo permeava todo pensamento. E Pedro pergunta: “Desde que nós sabemos que Jesus Cristo voltará, como é que essa realidade influencia nossa vida?” Nós somos adventistas. Não existe maior realidade diante de nós do que a segunda vinda. Esse é o momento que de certo modo resumirá a História. Ele marca o fim das sombras e dores. Como essa realidade influencia a maneira como vivemos hoje?

Bem, escreve Pedro, desde que essa realidade está próxima, devemos viver “em santo procedimento e piedade” (II

Ped. 3:11). O apóstolo está falando sobre vidas nas quais a aprovação de Deus é colocada. Viver “em santo procedimento” significa uma vida dedicada a Deus e que gira diariamente em torno de Cristo. Significa que, enquanto eu tomo minhas decisões sobre minha pessoa e minha vida, pensarei em Cristo, Sua missão, e no fim do tempo. Significa que diariamente tratarei de purificar-me e que estarei seguro de compreender a diferença entre o certo e o errado. Significa que tratarei de ser uma pessoa mais bondosa, mais compassiva, porque é assim que Cristo é. Esse é o significado de viver “em santo procedimento”.

“Devemos estudar diligentemente a Palavra de Deus de maneira que possamos proclamar com poder a mensagem que Ele nos tem dado para estes últimos dias. Muitos daqueles sobre os quais a luz da vida altruísta de nosso Salvador está brilhando recusam-se a viver de acordo com Sua vontade. Não estão desejosos de viver uma vida de sacrifício em favor de outros. Desejam exaltar-se a si mesmos.”<sup>3</sup>

“Uma vida cristã consagrada está sempre a derramar luz, consolação e paz. Caracteriza-se pela pureza, tato, simplicidade e utilidade. É dirigida por aquele amor abnegado que santifica a influência. Está repleta de Cristo, e deixa um rasto de luz aonde quer que seu possuidor vá.”<sup>4</sup> Essa é uma descrição maravilhosa.

Enquanto vivemos os últimos momentos de vida na Terra, com uma importante missão a nós confiada, qual é a expectativa do Senhor a nosso respeito? Três coisas me vêm à mente: Primeira, Ele diz: “Quero que sua vida reflita os valores que lhe ensinei. Você não deve olhar em outra direção.” A segunda expectativa: “Quero que você esteja desperto, sóbrio e alerta.” A terceira expectativa Ele expõe através do profeta: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miq. 6:8). **M**

#### Referências:

<sup>1</sup> Ellen G. White in *Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Ass., 1957), vol. 7, pág. 904.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), págs. 71 e 72.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_, *Testimonies For the Church* (Nampa, Idaho: Pacific Press. Pub. Ass., 1904), vol. 8, pág. 202.

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), pág. 667.



## Resultados da pregação

### *Líderes das Uniões brasileiras relatam avanço da Igreja durante encontro na sede da DSA*

*Da ASN e da Redação*

A sede da Divisão Sul-Americana, DSA, em Brasília, recebeu os principais líderes adventistas do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Bolívia e Equador, nos dias 4 a 7 de novembro. Durante o concílio, os cerca de 80 participantes tomaram decisões sobre itens relacionados ao crescimento e à unidade da Igreja e tiveram conhecimento dos destaques do desenvolvimento adventista nas diferentes regiões administrativas da América do Sul.

A palavra de abertura do encontro foi do Pastor Ted Wilson, vice-presidente da Associação Geral, AG. Ele parabenizou a liderança e os membros pelo forte empenho missionário, na região. A DSA deve fechar 2002 com 250 mil pessoas batizadas. "Não somos apenas mais uma denominação religiosa", declarou Ted Wilson, enfocando o compromisso da Igreja de divulgar a sua mensagem singular.

#### **União Central**

A União Central-Brasileira, UCB, foi a primeira região administrativa do país a apresentar o relatório das atividades de 2002. Atualmente a região, formada por sete Associações e duas Missões, contabiliza cerca de 2.200 igrejas e 230 mil membros. Nos últimos três anos, a média de batismos é de 19.600 pessoas ao ano.

A cidade de São Paulo, com 10 mi-

lhões de habitantes e sede de três Associações, registra a maior presença adventista no mundo, segundo o relatório. A capital paulista atualmente tem mais de 500 igrejas e 70 mil membros. Mesmo assim é considerada "um dos maiores desafios para evangelização", pelo Pastor Tercio Sarli, presidente da UCB, tendo em vista a concentração populacional.

Em seu relato, Tercio Sarli também afirmou que a missão da Igreja, na UCB, tem se apoiado em três pilares estratégicos: o evangelismo público, a educação cristã e a obra médico-missionária e beneficente. "Essas três áreas se completam, dando à Igreja um desenvolvimento harmônico e saudável", disse.

#### **União Norte**

No relatório da União Norte-Brasileira, UNB, apresentado pelo Pastor Izéas Cardoso, presidente, o destaque foi o resultado evangelístico deste ano, superior ao do ano passado. O resultado de janeiro a setembro, de 53 mil pessoas batizadas, já supera o de 2001, quando 52 mil aceitaram a mensagem. Até o fim do ano o número pode passar de 60 mil batismos. E para 2003, Izéas Cardoso conta com a participação de grande número de voluntários no programa missionário. Segundo a sua expectativa, a região deverá ter 100 mil missionários leigos, atuando em evangelismo público, pequenos grupos, duplas missionárias e classes bíblicas. Ele ainda destaca no sucesso da obra de Publicações nas "Casas Abertas Regionais". No total, a venda dos eventos no território da UNB foi o dobro do que vendeu a Casa Aberta, em Tatuí.

#### **União Sul**

O plano de ação integrado, que define a estratégia de pregação na União

Sul-Brasileira, USB, foi o ponto principal do relatório apresentado pelo Pastor Ignácio Kalbermatter, presidente. Nessa região a Igreja soma 144.628 membros, 679 igrejas, 829 grupos, 98 colégios e escolas e dois internatos. Em sua apresentação, Kalbermatter destacou que em 2002 foram realizados 3.933 programas de Semana Santa, com o envolvimento de todos os administradores e departamentais que lideram a região. Ele ainda informou que a USB conta com o apoio missionário de 6.452 pequenos grupos, 7.277 duplas missionárias e 1.136 conferencistas voluntários.

#### **União Nordeste**

Uma igreja "jovem e muito missionária". Essa foi a definição do Pastor Helder Roger, presidente da União Nordeste-Brasileira, Uneb, para os 210 mil adventistas de sua região. De acordo com ele, 25 mil novos membros deverão ser batizados no Nordeste, até o fim do ano. Além de números, ele apresentou o exemplo de pessoas dedicadas à missão, como Nilda Aquino, que nos últimos cinco anos já construiu 15 igrejas. Junto com o esposo, Lázaro, ela prega, forma uma nova congregação e de-



**Pastor Ted Wilson (à direita),  
traduzido pelo Pastor Urias  
Chagas: "Não somos apenas  
mais uma denominação religiosa."**



Da esquerda para a direita: Pastores Raúl Gómez, Ruy Nagel e Marino de Oliveira

pois constrói o templo. Segundo Helder Roger, há 420 pregadores voluntários no Nordeste, a exemplo de Nilda.

### União Este

Segundo o relatório apresentado prestado pelo Pastor Wandyr Mendes, presidente da União Este-Brasileira, UEB, essa região administrativa totaliza atualmente 139.550 membros. São 1.627 igrejas e grupos, divididas em 193 distritos pastorais. O programa da Igreja nestes cinco últimos anos procurou focalizar o tema da volta de Cristo

e o conseqüente preparo que decorre dessa expectativa. Como a maior conquista do período, Wandyr Mendes elege "a unidade e o companheirismo alcançado entre pastores e membros". Em relação ao crescimento, destaca o surgimento de três novas Associações. Sendo a última delas a Associação Rio-Fluminense, com sede em Itaboraí. O novo Campo nasce com 23 distritos e aproximadamente 17 mil membros. De acordo com o relatório, a UEB espera alcançar 11 mil batismos até o fim de dezembro.

# Evangelismo em Marabá

## Semana de reavivamento leva mais de 400 pessoas ao batismo

Ulisses Pompeu

Entre os dias 22 e 29 de novembro do ano passado, a Igreja Adventista na cidade de Marabá, PA, experimentou uma explosão evangelística durante uma "Semana de Reavivamento e Colheita", na qual exatamente 489 pessoas foram batizadas. O evento teve como orador o Pastor Jonas Arrais, secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana que, a cada noite, no Ginásio Esportivo do Sesi, conclamava os membros batizados a um reavivamento, e os visitantes a uma entrega completa a Cristo. Além das mensagens faladas, a programação foi enriquecida pela participação musical da cantora Regina Mota.

Sede da Missão Sul do Pará, inaugurada há um ano, a cidade de Marabá tem 170 mil habitantes e contava com cerca de 1.200 adventistas distribuídos em 12 congregações, antes da implantação da Missão. Agora, são 2.800

membros distribuídos em 18 igrejas e grupos. "Esse crescimento é fruto da ação do Espírito Santo, além do desenvolvimento de campanhas evangelísticas realizadas na cidade e o envolvimento dos irmãos", atesta o Pastor José da Silva Júnior, secretário ministerial do novo Campo.

Embora já tenha realizado campanhas evangelísticas em diversas cidades da América do Sul, o Pastor Jonas Arrais revelou ter ficado surpreendido com o trabalho desenvolvido em Marabá. Inicialmente, pelo preparo antecipado, coordenado pela Associação Ministerial da MSP, e apoiado pelos administradores, departamentais e pastores distritais da região. Quinze obreiros bíblicos e 26 servidores da Missão também foram diretamente envolvidos no projeto.

"Quando nos organizamos, preparamos o ambiente e semeamos, certamente a colheita é grande. Eu apenas tive o privilégio de vir aqui e participar de uma colheita que já estava amadureci-

da. Este foi o maior número de batismos que conseguimos em uma semana de reavivamento e colheita", disse o Pastor Arrais, que também realizou seminários de treinamento e capacitação para líderes das igrejas de Marabá.



Pastor Jonas Arrais: 489 batismos na Missão Sul do Pará



Parte da assistência à programação evangelística em Marabá, PA

### HUMOR

### TUDO TEM LIMITE



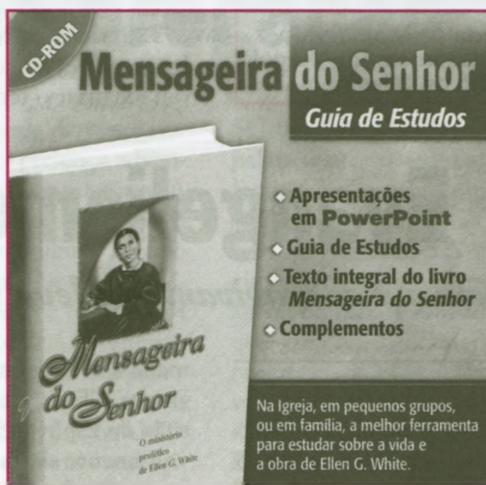
**PROJETO “MENSAJEIRA DO SENHOR”** – A Divisão Sul-Americana adotou como um dos livros do ano de 2003 a obra de Herbert E. Douglass, intitulada *Mensageira do Senhor: O Ministério Profético de Ellen G. White* (587 páginas), que pode ser adquirida nas lojas dos Sels ou diretamente da Casa Publicadora Brasileira (tel. 0800-990606; site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)). Considerada “o tratamento mais amplo já dado ao ministério profético de Ellen White”, a obra provê respostas abalizadas para inúmeras indagações de interesse atual. Cada família adventista deveria adquirir, na medida do possível, seu próprio exemplar desse livro.

Sugerimos que a referida obra seja estudada em nossos grupos e igrejas, ou mesmo nas reuniões dos pequenos grupos, em oito quartas-feiras consecutivas. Durante a semana que antecede cada reunião, as famílias deverão ler em casa o conteúdo da respectiva seção do livro a ser considerada no culto da quarta-feira seguinte. No culto em si, será feita apenas uma breve recapitulação do conteúdo da seção lida, seguida do preenchimento de uma lição específica de um guia de estudos especialmente preparado para esse fim.

Para facilitar a implantação desse projeto nas congregações locais a Casa produziu, com o apoio do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil, o CD-ROM *Mensageira do Senhor*, que também pode ser adquirido nas lojas dos Sels ou diretamente da editora. Esse CD-ROM contém o texto integral do livro *Mensageira do Senhor* para pesquisa; um sermão sugestivo para estimular a participação no plano de estudo do livro; oito palestras em *power point* a serem apresentadas no início de cada reunião de estudo; um guia de estudos com oito lições que deverão ser impressas e duplicadas a fim de serem preenchidas pelos participantes; uma versão já respondida do guia de estudos a ser usado apenas pelo palestrante; e um certificado para ser impresso e entregue a todos os que concluírem satisfatoriamente o estudo do livro.

Nenhum adventista do sétimo dia deveria permitir que interesses seculares e falsas teorias doutrinárias absorvam o tempo que deveria ser dedicado a Deus e Sua palavra. Preci-

samos nos comprometer, sem reservas, com o valioso legado profético que o Senhor nos confiou. Precisamos enfrentar os dias finais da história deste mundo alicerçados não em ideologias humanas, mas sobre a inamovível Palavra de Deus (Isa. 40:8; Mat. 7:24-27). – Dr. Alberto R. Timm, professor de Teologia Histórica no Unasp e diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil



Capa do CD-ROM que contém as oito apresentações em PowerPoint e o Guia de Estudos



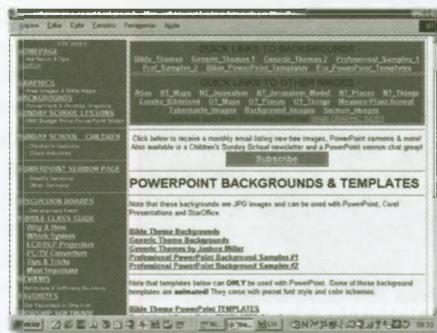
Amostra de algumas telas das apresentações: harmonia de cores e belas imagens, junto com perguntas que convidam ao estudo e à reflexão

**VEJA NA INTERNET**  
[www.christianitytoday.com](http://www.christianitytoday.com)

A importância dos recursos visuais como auxílio para a melhor compreensão e retenção de uma mensagem é um fato indiscutível. Com a crescente facilidade para a aquisição de computadores e videoprojetores, cada vez mais pastores e igrejas estão se valendo das apresentações visuais (as mais comuns são as que utilizam o *power point*, atualmente presente em quase todos os computadores) para ilustrar palestras e sermões.

Onde encontrar boas figuras religiosas ou de lugares bíblicos, ou ainda fundos de tela com motivos religiosos para sobre eles aplicar seus textos de sermões ou palestras? Há um site de aparência bem simples, mas que apresenta excelente conteúdo gratuito para suprir essa necessidade. O endereço é: [www.ebibleteacher.com/images.html](http://www.ebibleteacher.com/images.html)

No alto da tela tem alguns *quick links* para mapas, fotos de Jerusalém, outros lugares bíblicos, medidas, plantas e animais da Palestina, etc. Os fundos de tela para usar em apresentações visuais estão em *backgrounds*. – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira.





Divulgação

# A mensagem da cruz vazia

## ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial  
da Divisão Sul-Americana da IASD

Constantemente gosto de olhar para a cruz do Calvário. Ela significa redenção e perdão, mas ao mesmo tempo ela nos fala de restauração e vitória.

Naquela tarde sombria, lá na cruz tudo parecia perdido. Todo o ministério de Jesus Cristo parecia tempo desperdiçado. Onde estavam os frutos do Seu trabalho? Seus discípulos O tinham abandonado. Tudo aquilo com que sonhou e pelo que lutou parecia convertido em cinzas. A morte parecia ter colocado um ponto final ao ministério de Cristo.

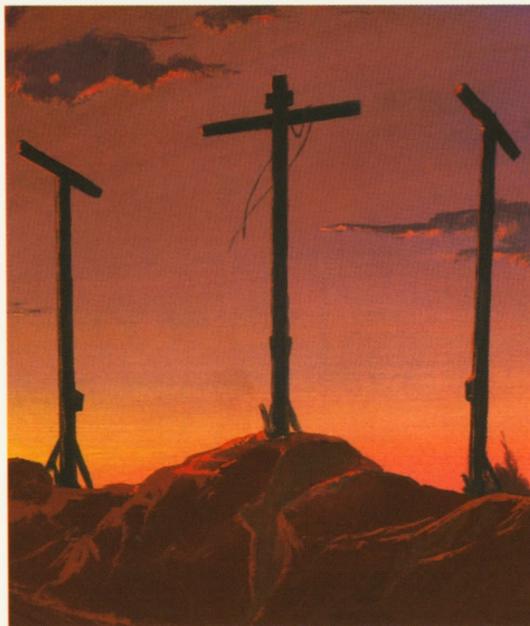
“Com a morte de Cristo, pereceram as esperanças dos discípulos. Olhavam-Lhe as cerradas pálpebras e a cabeça pendida, o cabelo empastado de sangue, as mãos e os pés traspastados, e indescritível era a angústia que sentiam. Até ao fim não acreditavam que Ele morresse; mal podiam crer que estivesse realmente morto. Esmagados pela dor, não recordavam Suas palavras, a predizer essa mesma cena. Coisa alguma de quanto dissera lhes dava então conforto. Viam unicamente a cruz e a ensangüentada vítima. O futuro afigurava-se negro e desesperador. Sua fé em Jesus morrera...” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 772.

Aconteceu isso alguma vez com você? Se é assim, eu o desafio: Olhe para a cruz vazia. Olhe bem; ela está vazia. Não tem ninguém. Sabe você qual a razão? Sabe o que significa isso?

A derrota é um fato real em nossa vida. Ela não é fruto da imaginação dos pessimistas. Existe e pode acontecer a qualquer um. Mais cedo ou mais tarde, você também poderá sorver o cálice amargo da derrota. Hoje e amanhã, pode parecer que o mal triunfa sobre

seus sonhos e esperanças. Em algum momento de seu ministério, você pode angustiar-se, vendo como o trabalho ao qual dedicou toda a sua vida parece fazer-se em pedaços.

Sim, a derrota é um fato trágico, mas real. Ela pode ser dolorosa e amarga. Em certas ocasiões, pode até ser irônica e cruel. Mas por quanto tempo? Talvez hoje e amanhã, mas há sempre um terceiro dia em que a tristeza se transforma em alegria e júbilo. Jesus Cristo emergiu dos mortos no terceiro dia, e, junto com Ele, todo o trabalho do Seu ministério. Por isso, hoje, diz para você: “Não se desespere quando tudo parece cair; quando você fala e fala, tendo a impressão de que ninguém en-



tende nada; quando você trabalha, trabalha e, de repente, olha para trás e parece que não construiu nada.”

Ao longo do meu ministério também tive meus momentos de solidão e lágrimas. Qualquer jovem pastor que olhe para mim pode pensar que tudo foi um mar de rosas em minha vida. Mas isso não é verdade. O pastor pre-

cisa sorrir quando todos estão chorando, embora tenha também o coração carregado de tristeza. O líder espiritual precisa continuar avançando, inspirando e encorajando, embora muitas vezes tenha também os pés sangrando por causa dos espinhos dos problemas e dificuldades.

Todo mundo pode esmorecer, mas o pastor precisa estar seguro na Rocha que é Cristo. Se o capitão abandonar a embarcação, o que será da tripulação? Em tais ocasiões tenho aprendido a olhar para a cruz. Ela, vazia, me diz que a derrota, a frustração e a tristeza podem vir. Mas quanto tempo durarão? Hoje e amanhã, quem sabe. Mas ao terceiro dia, com certeza os sonhos acari-

ciados ressuscitarão. Aparecerá o fruto dos seus esforços e você sentirá que não trabalhou em vão.

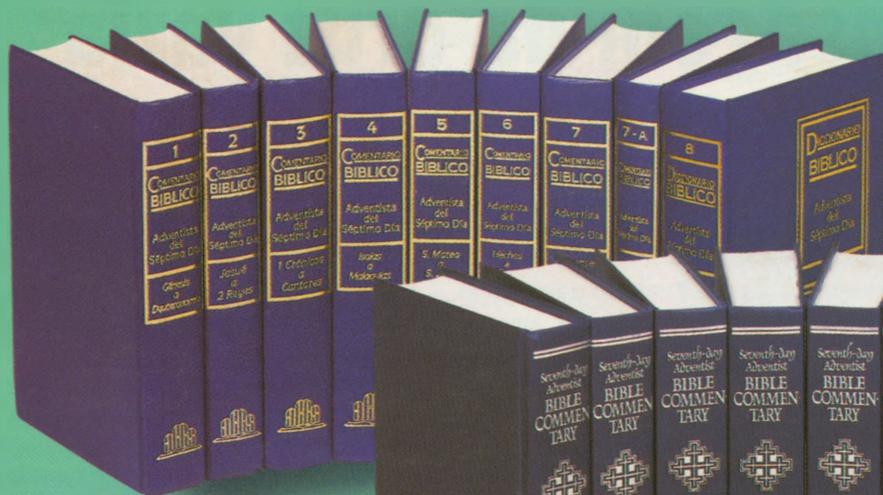
“Quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou esperar que o Salvador não retornaria novamente a vida. Reclamava o corpo do Senhor, e pôs sua guarda em torno do túmulo, procurando manter Cristo prisioneiro. Ficou furioso quando seus anjos fugiram diante do celeste mensageiro. Ao ver Cristo sair em triunfo compreendeu que seu reino chegaria a termo, e que ele devia morrer afinal...”

“Durante Seu ministério, Jesus ressuscitara mortos. Fizera reviver o filho da viúva de Naim, a filha do principal, e Lázaro. Estes não foram revestidos de imortalidade.

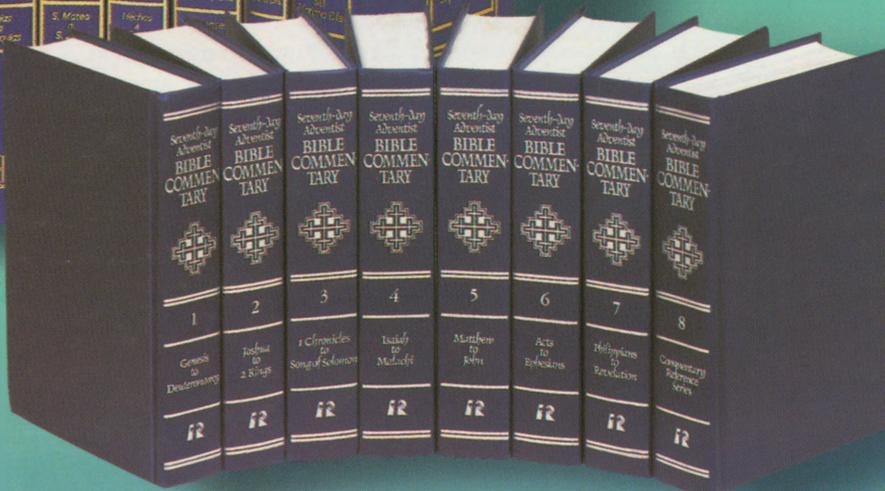
Ressurgidos, estavam sujeitos à morte. Aqueles, porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Ele, como troféus de Sua vitória sobre a morte e o sepulcro...” – *Idem*, págs. 782 e 786.

À derrota aparente, segue-se a vitória. Essa é uma das mensagens da cruz vazia.

# COLEÇÕES COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA



EM ESPANHOL  
R\$ 700,00  
C6d. 7771



EM INGLÊS  
R\$ 840,00  
C6d. 7772

**ESCOLHA  
A SUA PEÇA  
AGORA!**

Adquira  
sua coleção através  
da CASA.

*Ligue para*  
**(15) 250-8855**

Casa  
Publicadora  
Brasileira

